

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

FRANCEL DOS SANTOS MARZORK DE FREITAS

ESPIRITUALIDADE EDUCATIVA EM LEONARDO BOFF:
CONSTRUTIVIDADE E SUSTENTABILIDADE BIOGLOBAL

São Leopoldo

2014

FRANCEL DOS S. MARZORK DE FREITAS

ESPIRITUALIDADE EDUCATIVA EM LEONARDO BOFF:
CONSTRUTIVIDADE E SUSTENTABILIDADE BIOGLOBAL

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e
juventude

Orientador: Júlio César Adam

São Leopoldo

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F866e Freitas, Francel dos S. Marzork de
Espiritualidade educativa em Leonardo Boff:
construtividade e sustentabilidade bioglobal / Francel
dos S. Marzork de Freitas ; orientador Júlio César
Adam. – São Leopoldo : EST/PPG, 2014.
57 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2014.

1. Boff, Leonardo, 1938– 2. Ecologia – Aspectos
religiosos. I. Adam, Júlio César. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

FRANCEL DOS S. MARZORK DE FREITAS

ESPIRITUALIDADE EDUCATIVA EM LEONARDO BOFF:
CONSTRUTIVIDADE E SUSTENTABILIDADE BIOGLOBAL

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e
juventude

Data:

Júlio César Adam – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Valério Guilherme Schaper – Doutor em Teologia – Faculdades EST

AGRADECIMENTOS

Ao Imensurável Deus proclamado nos textos de Leonardo Boff, por ter me concedido saúde e força para superar todas as dificuldades.

Aos amigos alunos do mestrado, à EST e seu corpo docente, direção e administração, que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

Ao meu orientador Prof. Dr. Júlio César Adam, pelo suporte, paciência e dedicação nas correções e incentivos. À minha esposa amada, Neila Speridião Marzork, pelo carinho, incentivo e apoio incondicional.

À minha comunidade eclesial, Igreja Metodista Wesleyana, em Guiricema, pela compreensão, apoio e orações. E a todos que, direta ou indiretamente, fazem parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de mestrado profissional em teologia tem como objetivo analisar o pensamento do pensador brasileiro Leonardo Boff em suas implicações teológicas e ecológicas, e elencar possibilidades a uma forma de educação comunitária eclesial que valorize as relações intersubjetivas entre os seres humanos e entre estes com a natureza e com o cosmos. Boff é um pensador interdisciplinar que dialoga com as ciências sociais e com os conhecimentos advindos das ciências naturais e com a mística franciscana, por isso, seu pensamento aporta vieses os mais amplos possíveis e relevantes no que diz respeito aos temas relacionados àquilo que vem sendo chamada de “consciência planetária”, uma forma de percepção de que a vida em comunidade necessita de um respeito pela natureza para além de uma simples manutenção de um *status* ecológico, mas antes se pauta pelo diálogo em ação, melhor dizendo: pela interrelacionalidade do *Eu* e do *Tu* com o *Isso*, segundo as necessidades contextuais.

Palavras-chave: Leonardo Boff. Consciência Planetária. Educação. Dialogação.

ABSTRACT

This conclusion paper for the Professional Master's program in Theology has as its goal to analyze the thought of the Brazilian thinker Leonardo Boff in its theological and ecological implications, and to list possibilities for a style of ecclesiastical community education which values the intersubjective relations between human beings and of these with nature and with the cosmos. Boff is an interdisciplinary thinker who dialogs with the social sciences and with the knowledge coming from the natural sciences as well as with the Franciscan mysticism. That is why his thinking provides the broadest and most relevant possible perspectives relating to the themes dealing with what is being called "planetary awareness". This is a form of perception in which life in community needs a respect for nature beyond a simple maintenance of an ecological *status*, one which above all is guided by dialog in action or better put: by the inter-relationality of the *I* and the *You* with the *This*, according to the contextual needs.

Keywords: Leonardo Boff. Planetary Awareness. Education. Dialog-action.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ENCALÇES HISTÓRICO FILOSÓFICOS E REFLEXIVOS PARA UMA COMPREENSÃO DO PENSAMENTO BOFFIANO	15
1.1 Síntese biográfica: vida que escreve o que vive	15
1.1.1 <i>Vida que fala mais alto que a voz e a escrita</i>	16
1.1.2 <i>Mordaza eclesialística</i>	18
1.2 Aspectos da trajetória do pensamento de Leonardo Boff	20
1.2.1 <i>Encalce político teológico-libertacionário</i>	22
1.2.2 <i>A Natureza das Cebs na valorização dos leigos</i>	24
1.2.3 <i>A Figura Feminina no Contexto teológico e Sociocultural latino</i>	26
1.3 A perspectiva despertativa solidária	27
2 TEOLOGIA DO ZELO BIOGLOBAL NA COSMOLOGIA HODIERNA	31
2.1 A construtividade do novo ser bioglobal de consciência planetária	31
2.2 Mística intermediária de Leonardo Boff: antropocentrismo cristão teocentrismo cosmológico	36
2.2.1 <i>Nova cosmicidade cristotélica</i>	38
2.3 Diálogo inter-religioso, ecumenismo e respeito na vivência	44
3 ESPIRITUALIDADE EDUCATIVA BIOGLOBAL: UMA PEDAGOGIA PARA A VIDA	47
3.1 Teologia da Jardinagem Universal	47
3.2 Teologia da tutela universal	50
3.3 Teologia da Libertação em foco Pedagógico	53
CONCLUSÃO	59
REFERÊNCIAS	62

INTRODUÇÃO

A obra de Leonardo Boff tem sido estudada e auscultada com intensidade nas últimas décadas. Muitas das suas contribuições têm servido de aporte teórico para novas vinculações em muitos aspectos: teológicos, poéticos, diaconais, existenciais, ecológicos e educacionais, entre outros. Um dos aspectos mais relevantes que vem sendo explorado – com certeza – é o ligado ao tema da ecologia. É a partir deste viés que o trabalho agora apresentado busca dialogar e retirar, daquilo que seja possível, elementos para a elaboração de aportes a uma forma de conceber a educação comunitária que será designada de jardinagem universal, uma referência ao texto de Gênesis 4.9, no qual a tradição bíblica compreendeu a ver a relacionalidade do Criador com a criatura numa verdadeira capacitação ao diálogo com a criação.

No percurso agora apresentado, os capítulos ficaram divididos da seguinte maneira: no 1º capítulo serão apresentadas as credenciais histórico-existenciais do pensador franciscano, tais como sua breve biografia, seus apontamentos teóricos e sua participação como sacerdote católico que pensa a “inteligência da fé” a partir de baixo, a partir daqueles que sofrem e vivem em condições precárias, porém, os quais não perdem a fé no Deus da Vida. Sua visão planetária e perspectiva despertativa solidária de muitas configurações religiosas e sociais, que a cada dia mais vêm assumindo o protagonismo nas discussões a respeito de um mundo sustentável, será também tematizada.

Em seguida, no 2º capítulo, o tema da consciência planetária terá ênfase específica. Trata-se do tema da interligação planetária, ou seja, o mundo e o cosmos interagindo de maneira dinâmica com os pequenos blocos sociais e vitais nos quais estão envolvidos os grupos vivos de seres humanos e outros seres vivos. O tema da globalização a partir da solidariedade e não a partir do domínio será avaliado. É nessa perspectiva que Boff vê no século XXI uma chance para que o planeta seja respeitado em sua dignidade. O planeta é visto como o jardim em que o ser humano foi posto para habitar, porém, para habitar cuidar dele, não para dominá-lo até a destruição. A necessidade de uma conscientização planetária tem sido insuflada dia após dia por muitas tendências e grupos ao redor do planeta, o que parece indicar que a necessidade de cuidado para com o planeta tem sido despertada, algo que se torna inadiável.

É na necessidade prática de se manter o planeta dentro de um ritmo considerável à habitação humana que a assim chamada consciência planetária tem participado das lutas e dos debates com respeito à própria manutenção da vida humana. Questões como: desmatamento, queimadas, poluição, degradação do ar, do solo, dos animais e das plantas, respeito pela vida não humana, pelas plantas e por todos os seres vivos são imperativas. Gestos simples como a coleta seletiva de lixo, a separação entre orgânico e não orgânico, o uso de produtos não poluentes, racionalização da água potável, o uso de produtos orgânicos e sem agrotóxicos, discussão sobre um Código Florestal que respeite as populações ribeirinhas e não condene os pequenos agricultores, sem permitir que os grandes latifúndios saiam anistiados, são temas do dia. Todas essas questões apontam para a importância e atualidade das conceituações boffianas.

Por fim, no 3º capítulo, buscar-se-á vislumbrar caminhos para uma concepção educacional comunitária que esteja pautada numa perspectiva bioglobal de espiritualidade como pano de fundo para o respeito à vida, um respeito incondicional. Nesse capítulo, a proposta de uma educação pautada na jardinagem universal será desenvolvida com mais ênfase. O que está em jogo, necessariamente, é uma perspectiva que vê na relacionalidade humana e com a natureza uma forma e um modo de ser. O intuito é perceber uma educação desde uma perspectiva da jardinagem universal como algo possível a todos os seres humanos, e estes inseridos na comunhão integral com todos os seres vivos. Em última instância, é o não mais se pautar pelo domínio humano sobre a natureza concebida como um objeto, como submetida aos ditames arbitrários dos grupos sociais humanos que viam e ainda veem na dominação o meio mais adequado de compreensão do que é desconhecido.

Essa concepção articula uma perspectiva educacional que se guia pelo respeito às diferenças, pelo respeito aos que enxergam o mundo desde uma posicionalidade do corpo diferente da de outras. Essa posicionalidade se funde a partir de uma determinada cultura, religião, ética, moral, socialidade, etc. É a maneira de estar posicionado no mundo, e isso tem implicações socioculturais e políticas, que permite uma determinada mirada no horizonte. Tal acontece sob o viés muito específico do olhar de cada um e de cada grupo. Trata-se de um modo-de-ser no mundo. O que está em jogo é a capacidade que, na dinâmica da jardinagem,

possui a pessoa de ser sensível aos problemas do todo e não somente para com os seus.

Essa é a sensibilidade da dinâmica do *eu* e do *tu*. A tutela cínica que esconde as verdadeiras relações de dominação e as oculta sob a máscara cínica do desinteresse pelo destino daqueles aviltados pela lógica do mercado. As relações devidas a uma nova planetaridade conscienciosa só é possível se uma forma planetária de educação que vê no outro um igual, mesmo em sua diferença, um interlocutor, pois entre antagônicos, como bem argumenta Freire, não é possível o diálogo. Nesse sentido, a Teologia da Libertação (TdL) possui muitas coisas interessantes para a elaboração de aportes educacionais, uma vez que ela possui o mesmo nascedouro da Pedagogia da Libertação.

1 ENCALCES HISTÓRICO FILOSÓFICOS E REFLEXIVOS PARA UMA COMPREENSÃO DO PENSAMENTO BOFFIANO

1.1 Síntese biográfica: vida que escreve o que vive

Leonardo Boff é neto de imigrantes italianos que se mudaram para a região sul do Brasil em fins do século XIX. Quando ainda era garoto, decidiu partir de sua cidade natal, Concórdia, em Santa Catarina, e ir se dedicar à vida religiosa no seminário de Luzerna, no Vale do Rio do Peixe (SC). Boff nasceu em Concórdia (SC) no ano de 1938. De origem rural, sua espiritualidade sempre esteve em contato com a natureza e sua conseqüente valorização. Tinha certeza de sua vocação religiosa e de que o seu futuro era o da fé.¹ Estudou filosofia e teologia, realizou estudos importantes em universidades de grande renome e prestígio na Europa, como Wurzburg, Lovaina e Oxford. Doutorou-se em Teologia e Filosofia na Universidade de Munique, na Alemanha, no ano de 1970.² Acabou ficando conhecido como um dos nomes mais reconhecidos da assim considerada primeira expressão teológica acadêmica da América Latina, a Teologia da Libertação (TdL). Seus trabalhos venderam milhares e milhares de livros e se enveredou por temáticas mais abrangentes como a ecologia, livros de história (São Francisco, por exemplo) e sobre temáticas como o fundamentalismo religioso, entre outros.³

Conhecido por seus trabalhos sobre a TdL, e acreditando ser impossível desvencilhar a libertação pela fé dos aspectos políticos da existência humana, Boff se tornou também uma referência nas Comunidades de Base (CEBs) da Igreja Católica Romana no contexto latino-americano. Em seu livro *Jesus Cristo Libertador* (1972), uma das primeiras obras a avaliar a relevância da libertação social como resultado da prática de libertação espiritual, análise feita a partir da TdL, o teólogo catarinense está de acordo com os aspectos levantados pela assim considerada sociologia marxista, as quais obtiveram grande relevância na explicação do atraso das sociedades dos países subdesenvolvidos. Seus textos estão entre aqueles que serviram de fundamentação teórico-conceitual para uma gama abrangente de novos teólogos e teólogas latino-americanos. Porém, ao aliar análise exegética dos textos

¹ BOFF, Leonardo; BETO, Frei. *Mística e Espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

² BETTO; BOFF, 1999.

³ JESUS, Rodrigo Marcos de. *Leonardo Boff: antropologia, ontologia, cosmologia ética e mística. Ibérica: revista interdisciplinar de estudos ibéricos e ibero-americanos*. Disponível em: <<http://www.estudiosibericos.com/arquivos/iberica7/boffjesus.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2011.

bíblicos com as ponderações sociológicas de caráter político, o autor franciscano desagradou em muito a maneira de fazer teologia das autoridades eclesiásticas romanistas. Assim que em 1984, como a publicação de seu livro *Igreja, Carisma e Poder* (1981), no qual chega a comparar a estrutura da Cúria Romana com o autoritarismo do governo socialista soviético, realizando uma crítica contundente à própria estrutura da Igreja, foi convocado pelas autoridades de Roma a dar explicações, e por suposto acabou sendo condenado a um “silêncio obsequioso” por um ano. Essa primeira ação o proibiu de se manifestar publicamente por um ano.

No ano de 1992, ano das comemorações dos 500 anos da invasão do continente pelos povos ibéricos, foi condenado novamente ao “silêncio obsequioso”. No entanto, desta vez o teólogo batizado com o nome de Genézio Darci Boff, optou em deixar a Ordem dos Frades Menores (franciscanos), membro desde 1959, e pediu dispensa do sacerdócio que desenvolvia desde o ano de 1964 quando de sua ordenação. Nos dias atuais tem se destacado como um dos mais prestigiados teóricos da fé cristã, além de um grande ideólogo da espiritualidade e da transcendência, o que o coloca em diálogo com outros grupos religiosos. Da palestras e assessoria para CEBs e outros grupos, tematizando questões relacionadas à ecologia, à política e ao conhecimento teológico e filosófico em geral. Considera que a luta por uma sociedade mais justa e humana, não pode estar dissociada dos interesses dos pobres e estes não devem aceitar ingenuamente a condição de miséria como algo natural, como vontade de Deus ou de alguma outra entidade de caráter abstrato (capitalismo) mas tomar atitudes pautadas em rigorosas análises que favoreçam a justiça social. É professor emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e já publicou mais de 70 títulos.

1.1.1 Vida que fala mais alto que a voz e a escrita

Leonardo Boff foi, durante 22 anos, professor de Teologia Sistemática e Ecumênica em Petrópolis, no Instituto Teológico Franciscano. Foi docente de Teologia e Espiritualidade em outros centros de estudos e universidades no Brasil e no exterior. Atuou como professor-visitante em universidades de Lisboa (Portugal), Salamanca (Espanha), Harvard (EUA), Basel (Suíça) e Heilderberg (Alemanha).

Sua importância na história da teologia é reconhecida por seus títulos honoríficos (Honoris Causa) recebidos de várias instituições de áreas de política

pela universidade de Turim (Itália) de Teologia pela universidade de Lund (Suíça), e também tendo sido agraciado com várias homenagens e prêmios no Brasil, título Honoris Causa pela Faculdade EST, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, por causa de sua luta em favor de uma sociedade que não se pautava na exploração das partes desfavorecidas, isto é, dos oprimidos e marginalizados. Boff tem sido reconhecido também como uma das fortes influências à fomentação dos Direitos Humanos no país. Foi agraciado em 8 de Dezembro de 2001 com um prêmio nobel alternativo da Universidade de Estocolmo (Right Livelihood Award).

A aplicação teórica de Boff se estendeu ainda à orientação de conselhos editoriais, de 1970 a 1985, participou do conselho editorial da Editora Vozes, redator da Revista Eclesiástica Brasileira (Reb), da Revista de Cultura Vozes (1984-1992) e da Revista Internacional Concilium (1970-1995). Durante este período, foi membro da equipe coordenadora de publicações como a coleção “Teologia e Libertação” bem como da edição das obras completas de C. G. Jung. Sua intensa participação teórica a respeito da realidade latino-americana, acabou sofrendo processo da Sagrada Congregação para a Defesa da Fé, ex Santo Ofício, no Vaticano, no ano de 1984. Em razão de suas teses ligadas à Teologia da Libertação, é reconhecidamente um dos mais celebres intelectuais brasileiros, alguém que tem sido participante ativo nas discussões da realidade brasileira.

É desde 1993 professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Nos dias atuais mora no Jardim Araras, uma região conhecida por seu intenso parque verde no município de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Vive seus sonhos com a também educadora e lutadora pelos Direitos Humanos a partir de pautas para um novo paradigma ecológico, Marcia Maria Monteiro de Miranda. Compartilha por afinidade da paternidade seis filhos com ela. Participa vivamente do desenvolvimento dos “netos” Marina, Eduardo e Maira.

Seus mais de 60 títulos nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística, o autorizam a manter diálogo fecundo com amplos setores acadêmicos. A maioria de seus livros tem sido traduzida para os principais idiomas modernos, inclusive para os países do leste europeu. Durante grande parte do tempo em que foi ligado ao sacerdócio, Boff doou a maior parte de seus direitos

autorais para instituições de assistência social. Tem atuado ativamente em campanhas eleitorais nos últimos anos a favor de candidatos progressistas.

1.1.2 Mordaza eclesial

Leonardo Boff foi chamado a Roma em 1985 para dar declarações a respeito de sua publicação ácida e bem fundamentada chamada Igreja, Carisma e Poder. Depois de ser interrogado pelas autoridades competentes foi submetido ao assim conhecido “Silêncio Obsequioso”. É um silêncio por parte do “condenado”, no qual ele é orientado a se calar em favor de algo, presumidamente em favor do bom andamento na Igreja. É algo como: fique calado para não causar mais dano a ninguém. A instituição que impõe esse “Silêncio Obsequioso” é a Santa Sé, na forma jurisdicional da Congregação para a Doutrina da Fé, antigo tribunal inquisitorial. Isso ocorre porque no entendimento das lideranças religiosas que presidem a instituição, uma determinada pessoa pregou ou divulgou doutrinas consideradas equivocadas em relação aos aspectos ortodoxos do entendimento da doutrina da Igreja Católica Romana, seja por meio de declarações ou de publicação de livros e artigos, ou mesmo por conta de algum comportamento específico. Sua eficácia está em que é exigido da pessoa subordinada pelo voto de obediência, no caso um padre ou religioso, um afastamento das funções públicas por um período de tempo específico.

Em 1985, o então cardeal Joseph Ratzinger (que mais tarde viria a ser o Papa Bento XVI), prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé à época, o condenou e o depôs de todas as suas funções editoriais e de magistério. No entanto, a pressão de muitos setores ao redor do mundo fez com que o Vaticano suspendesse a pena imposta ao religioso no ano seguinte, em 1986, permitindo a ele retomar suas atividades em várias frentes.

Em maio de 2010, 25 anos depois da imposição por parte das lideranças eclesial católicas, do “Silêncio Obsequioso”, o então franciscano Leonardo Boff rememora esse processo, iniciado em 1984, e que deu repercussão em todo o mundo à expressão teológica latino-americana designada com o adjetivo *libertação* alçada ao status de teoria teológica rigorosa, e as conseqüentes tendências institucionais de a Igreja Romana tratar com a questão posta por ela, ou seja, a dependência social e econômica dos países menos favorecidos do continente americano. A anamnese (rememoração) desse processo é fundamental à descrição

da própria gênese do pensamento latino-americano uma vez que a TdL e a Teoria da Dependência são consideradas expressões genuinamente contextuais.

A TdL pontuou questões e polêmicas travadas com o jeito europeu de lidar com as formas de ser igreja dos muitos povos latino-americanos, considerados periféricos em suas expressões culturais e religiosas. Seu livro Igreja, Carisma e Poder, obra na qual é avaliada a estrutura da Igreja Romana como uma estrutura tão rígida quanto expressões de governos autoritários (União Soviética) conduziu ao religioso ao silêncio e, mais tarde, o fez deixar a condição eclesiástica. As experiências de retaliação por parte da hierarquia romana foram variadas, sua intenção era combater ao nível do dogma e da teorização a mais fundamental contribuição teológica latino-americana, pois a TdL se construiu no debate metodológico a respeito da experiência de fé comunitária, isto é, a leitura feita a partir da fé em diálogo com os muitos saberes que se desenvolvem dentro e fora da academia.

Nas palavras do próprio Boff a severidade de seu processo lembrou a inquisição medieval:

Em 1982 escrevi um livro Igreja: carisma e poder no qual aplicava as intuições da teologia da libertação às condições internas da Igreja. Aí denunciava a opressão da mulher, o atropelo dos direitos humanos, a concentração de poder nas mãos do clero e o controle severo das doutrinas. Isso não agradou o Vaticano. Recebi um processo judicial junto a ex-Inquisição presidida pelo Cardeal J. Ratzinger. Em 1984 sentei na mesma cadeira onde sentou Galileu Galilei e Giordano Bruno e durante três horas fui interrogado pelo Cardeal. Depois fui punido, pois me impuseram o silêncio obsequioso, uma espécie de silêncio penitencial, fui deposto da cátedra de teologia sistemática e ecumênica e proibido de escrever e publicar. Mas onze meses depois fui liberado. Meu julgamento foi feito no contexto da publicação da Instrução contra a teologia da libertação que foi lançada três dias antes do meu julgamento. Assim se criou a atmosfera de julgamento e de condenação também da teologia da libertação que na época mobilizou a opinião pública mundial que apoiava este tipo de teologia porque se ocupava dos pobres do mundo e da justiça necessária, questões éticas de grande dignidade que comoveram as pessoas e as irritaram contra Roma.⁴

Boff argumenta ainda que nesse processo aprendeu que a estrutura eclesiástica não sabe aprender com o diferente, a necessidade de saber e decidir é na grande maioria das vezes retida pelas lideranças ordenadas.

⁴ Entrevista de Leonardo Boff concedida a GOBBI, Paula, jornalista do Los Angeles Times, em 21 de abril de 2005. Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/site/vista/outros05/abr21-losangelestimes.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2011.

Ele se sente o portador da verdade. Desde 1972 que tinha problemas com a Congregação para a Doutrina da Fé. Praticamente cada livro que publicava provocava cartas de explicação vindas de Roma. O julgamento do livro Igreja: carisma e poder representou uma culminância. Ai tive a nítida impressão que a lógica da Congregação é a mesma da antiga Inquisição. Mudaram os métodos, pois não mais torturam os corpos, mas a vontade de condenar é a mesma que tortura a psiquê pela marginalização, desmoralização e difamação que fazem do teólogo diante dos bispos, proibidos de lhe convidar para assessorias, retiros ou palestras. A Congregação não perdoa nada, não esquece nada e cobra tudo. Não me parece que tal atitude tem algo a ver com o espírito evangélico.⁵

A interferência do Cardeal Ratzinger durante sua administração em vários setores latino-americanos foi considerável. Boff afirma que foi um número alto de religiosos “silenciados” e inquiridos de forma autoritária, o que gerou:

Muitas feridas, amarguras e divisões, provocadas pelas pesadas intervenções do Cardeal Ratzinger sobre 140 teólogos que foram punidos, conferências e bispos que foram humilhados, bispos comprometidos com os pobres e os índios perseguidos como Dom Pedro Casaldáliga, no Brasil, e Samuel Ruiz, no México, e Leonidas Proaño, no Equador, e outros.⁶

A atuação de Boff continua a ser intensa. Sua influência não se atém ao âmbito católico-romano ou religioso de maneira em geral, muito antes, estende-se a setores mais progressistas da sociedade brasileira.

1.2 Aspectos da trajetória do pensamento de Leonardo Boff

O pensamento de Boff evoluiu concomitante à sua reformulação teórico-conceitual. Suas elaborações partiam de induções encarnadas na realidade vivenciada pelas comunidades de fé. Em suas próprias palavras ele diz que conforme foi se embrenhando na realidade brasileira mais foi se dando conta da importância de uma teologia encarnada na realidade cotidiana das pessoas.

Todas as diferentes fases de minha Teologia correspondem a crises intelectuais pelas quais passei. Assim entrou na minha vida a Teologia da Libertação. Eu voltei da Europa em fevereiro de 1970. Em julho, fui pregar num retiro a padres e freiras que trabalhavam no coração da floresta amazônica. Comecei minhas palestras, quatro por dia, apresentando os vários temas teológicos dentro do marco teórico da Teologia Progressista Européia. Falava do Jesus da história e do Cristo da fé, da relação entre fé e secularização, como entender a Igreja dentro do mundo moderno da tecnociência etc. Mas eu percebi nos olhos dos ouvintes que as palavras não chegavam a eles. Até que alguém perguntou: — Como vou anunciar a

⁵ GOBBI, 2005, [s.p].

⁶ GOBBI, 2005, [s.p].

ressurreição de Cristo a indígenas que estão sendo exterminados por seringueiros? Como falar da mensagem cristã aos ribeirinhos que estão sendo afetados pelos metais pesados dos garimpos que matam os peixes e tiram o sustento deles? Como viver a fé cristã em um mundo de pobres e miseráveis, como nós do Brasil e da América Latina? Dei-me conta, então, de que devia mudar de Teologia; partir das questões deles. Partir das opressões para chegar à libertação. Foi assim que, ao voltar a Petrópolis e ao retomar às aulas em agosto, lecionei a doutrina sobre Cristo numa perspectiva de libertação. Daí nasceu, no final do ano, o livro 'Jesus Cristo Libertador'. E nascia aqui entre nós a Teologia da Libertação. E tive que me esconder por dez dias porque os órgãos de repressão me buscavam, pois a palavra 'libertação' era oficialmente proibida.⁷

Suas contribuições iniciam a partir da década de 1970 com a publicação do livro *Jesus Cristo Libertador* e se estendem durante a década seguinte, sempre apontando para a eclesiologia e cristologia. Após esse período, Boff passa a tematizar outros aportes mais ecológicos. Nessa produção ampla e articulada, muitas influências podem ser encontradas em suas obras, tais como: Mestre Eckart, São Francisco de Assis, Boaventura de Souza Santos, Teilhard de Chardin, Duns Scoto, Karl Rahner, Ilya Prigogine, Humberto Maturana, Albert Einstein, Carl Jung, Martin Heidegger, Karl Marx e uma gama considerável de pensadores ligados à sociologia. Sua obra é marcada pelo ecletismo.⁸

Sua obra é dividida em dois eixos temáticos, sem que uma negue a outra. Trata-se de um período mais envolvido com a eclesiologia, e conseqüentemente mais dado a formulações cristológicas, e um período marcado pela opção leigo-filosófica, conseqüentemente mais dado a formulações eco-teológicas, por assim dizer. Isso de forma alguma significa um retrocesso ou uma amálgama inconsequente. Boff é muito conseqüente em sua obra e em sua existência. Nega-se a rupturas que não estejam ligadas aos princípios que sempre manteve, a saber, uma espiritualidade franciscana, o que inclui a opção de considerar a natureza como parte integrante da criação que também necessita de redenção.

De uma forma, um tanto grosseira, poder-se-ia fazer um corte entre o período dentro da estrutura eclesiástica e o período fora dessa estrutura, agora como leigo, muito embora na ICAR não existam ex-padres, no sentido da palavra. No primeiro período, o pensamento de Boff foi marcado pela cristologia e pela

⁷ DUTILLEUX, Christian. *Leonardo Boff: memórias de um teólogo de la liberación*. Madrid: Constanza Aguilera Carmona, 1997.

⁸ JESUS, Rodrigo Marcos de. Leonardo Boff: antropologia, ontologia, cosmologia ética e mística. *Ibérica*: revista interdisciplinar de estudos ibéricos e ibero-americanos. Disponível em: <<http://www.estudiosibericos.com/arquivos/iberica7/boffjesus.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2011.

eclesiologia. No segundo, há um movimento mais intenso para a ecologia e para a ecumenicidade.

1.2.1 *Encalce político teológico-libertacionário*

Da primeira fase do pensamento e obra de Boff, o mais importante eixo de estruturação de suas contribuições teológicas é a temática da libertação, o que o promoveu a um dos fundadores de uma linha de pensamento latino-americano bem própria do continente. Essa perspectiva ficou marcada pela noção epistemológica que a fundava e fomentava sua articulação em níveis acadêmicos, isto é, a *opção preferencial pelos pobres*. O eixo epistêmico é elaborado a partir dos “debaixo”, dos excluídos, marginalizados, segregados, rejeitados. A respeito da epistemologia da TdL, são os pobres a base de sua fundamentação como o nome mesmo dá a entender.

O nome “Teologia da Libertação” foi dado pelo teólogo peruano Gustavo Gutiérrez, naquela década. Essa TdL tem, segundo Boff, o difícil objetivo de mostrar a um mundo de miseráveis (cerca de um bilhão e 250 milhões de pessoas!) que Deus é Pai e Mãe de Bondade. Essa Teologia opta por aqueles(as) que são considerados “zeros econômicos” ou “invisíveis” pelo mercado econômico, mas são os amados e os preferidos de Deus. A TdL diz que quem não escuta os oprimidos não tem nada a dizer sobre Deus, pois ela, como o próprio Deus, é pelos empobrecidos, contra a pobreza, e a favor da vida e da libertação. Boff disse também que a TdL não morreu (e não morrerá!), apenas perdeu visibilidade na mídia, ou seja, não possui o mesmo destaque que tinha nas primeiras décadas. Hoje ela se encontra presente além dos espaços eclesiais.⁹

O pensamento de Boff é construído sob uma perspectiva antropológica e ontológica. Não se trata apenas de uma opção política e social. É a elaboração consequente de uma articulação teológica que quer pensar a vida de fé a partir de princípios concordes ao Evangelho e à própria tradição de fé. A sua “inteligência da fé” perpassa sua vida em sociedade. Uma não está separada da outra. Poder-se-ia dizer que Boff pauta sua teologia numa antropologia dual, ou seja, corpo e alma como princípios formadores da estrutura humana. Segundo Valério Schaper, o corpo seria a materialidade, o ser histórico-social que estaria embrenhado nas características que perfazem a criação como um todo, melhor dizendo: a

⁹ MATOS, Ismar Dias de. *Memória dos 40 anos da Teologia da Libertação*. Disponível em: <www.diocesedeguanhaes.com.br>. Acesso em: 23 ago. 2011.

característica mais marcante da esfera mortal de seres animados.¹⁰ A alma seria aquela forma humana capaz de transcender justamente essa limitação da materialidade, as limitações impostas pelo histórico-social teriam na alma a forma de transcendência aos mais necessários aspectos utópicos, os quais mantenedores de esperança.

A libertação é um dos temas mais importantes da TdL. E Boff não titubeou em articular sua reflexão a respeito da vida de fé sob os títulos da liberdade e da graça. Segundo Schaper, a grande aporia enfrentada pela TdL na década de 1960 e 1970 foi justamente a questão posta a respeito da questão concernente à história e à transcendência, entre criador e criatura, entre necessidade e liberdade.

A libertação dos oprimidos deverá provir deles mesmos, na medida em que se conscientizam da injustiça de sua situação, se organizam entre si e começam com práticas que visam transformar estruturalmente as relações sociais iníquas. A opção pelos pobres contra a sua pobreza e em favor de sua vida e liberdade constituiu e ainda constitui a mais registrada dos grupos sociais e das igrejas que se puseram à escuta do grito dos empobrecidos que podem ser tanto os trabalhadores explorados, os indígenas e negros discriminados, quanto as mulheres oprimidas e as minorias marginalizadas, como os portadores do vírus da Aids ou de qualquer outra deficiência. Não são poucos aqueles não sendo oprimidos se fizeram aliados dos oprimidos, para junto com eles e na perspectiva deles empenhar-se por transformações sociais profundas.¹¹

Nesse sentido, a TdL rompe com o dualismo existente entre uma história da salvação e uma história secular, uma “história dos homens”, vivenciada na distinção entre a Cidade de Deus e a Cidade dos homens. Boff compreende que a dimensão humana é ontológica, ou seja, as características duais vividas não são simplesmente aporias da existência ante a vivência metahistórica, mas é uma vivência que se desenvolve *dentro* e *em meio* à história humana. Não se trata de duas histórias paralelas.¹² Não existem duas histórias, uma sagrada e outra profana, mas uma única história, a qual é a história dos homens sob a clausula da transcendência na imanência. No entanto, não separadas. Não correndo paralelas.

¹⁰ SCHAPER, Valério Guilherme. *A experiência de Deus como transparência do mundo: o “pensar sacramental” em Leonardo Boff: história e cosmologia*. Tese. 468 f. (Doutorado) – Instituto de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1998. p. 26.

¹¹ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano: compaixão pela terra*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

¹² SCHAPER, 1998, p. 20.

Essa unidade que perpassa o pensamento de Boff está fundamentada naquilo que alguns autores têm chamado de “pensar sacramental”. Neotti diz o seguinte a respeito do “pensar sacramental”:

É primigeniamente uma estrutura de pensar. Esse pensar é o próprio da teo-logia como o discurso sobre Deus, sobre o Inefável, sobre o Mistério que, além de imanente e transcendente ao mundo, é transparente e torna toda a realidade, pensada a partir de Deus, transparente, diáfana, significática e simbólica.¹³

No entanto, conforme Pedro Puentes, Ganssi vê nessa postura de Boff um alargamento das teorias de Teilhard de Chardin a um panenteísmo, segundo o qual tudo está em Deus, porém, Deus não está em tudo.¹⁴ É uma leitura pela ótica da tradição franciscana de conceitos evolutivos do pensador francês. Schaper argumenta que:

O pensar sacramental não é um tratado sobre sacramento, mas uma forma de pensar a teologia a partir da noção de “sacramental”. Boff não parte de uma teologia do sacramento, mas da compreensão de uma experiência de Deus que torna a totalidade da criação “transparente” para Deus. A noção de “sacramento” é, então, ampliada, mas tem, ao mesmo tempo, o contexto da “experiência de Deus” como referência. O “pensar sacramental”, oferece uma possibilidade de integrar de forma coerente a história e a cosmologia no pensamento de Boff.¹⁵

Vê-se assim, que Boff considera a totalidade da existência sob o viés da libertação como algo que tem profundas raízes na espiritualidade, porém, uma espiritualidade que se pauta pela comunhão entre todas as pessoas e o próprio cosmo a partir na libertação como processo de emancipação dentro da transparência do mundo diante de Deus.

1.2.2 A Natureza das Cebbs na valorização dos leigos

Boff vê na libertação do pobre o *locus* privilegiado de articulação da TdL. As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) conseguiram gerar em grande parte do Brasil e da América Latina, a percepção da dimensão sócio-transformadora como parte essencial do Evangelho de Jesus. Muitos foram atingidos por essa forma de ler

¹³ NEOTTI, Clarêncio (Org.). *Irmão Francisco de Assis*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 143.

¹⁴ REYES, Pedro Allonso Puentes. *O corpo como parâmetro antropológico na bioética*. Tese. 190 f. (Doutorado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2005. p. 50.

¹⁵ SCHAPER, 1998, p. 5.

a mensagem do Cristo. Em pesquisa a respeito da origem dos estudantes do curso de Serviço Social no Rio de Janeiro, Simões verificou que a grande maioria provém de âmbitos religiosos os mais variados.¹⁶ E tal se dá justamente por conta do grande número de estudantes que participaram no caso aqui, das CEBs. Especificamente no interior da Igreja Católica Romana, as CEBs intentaram dar conta da estrutura piramidal e hierárquica, de cima para baixo, que imperava no pensamento e prática das lideranças eclesiais. Foi a tentativa de formar de baixo para cima um modelo de comunidade dialogal e mais democrática. Esse projeto estava na linha de intenções das diretivas dadas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), e vislumbravam maior participação dos leigos nos processos participativos de tomada de decisões. Articuladas ao redor da imagem de “povo de Deus”, caracterizada pelo Concílio, as comunidades buscavam participar ativamente na construção do Reino de Deus.

As CEBs não possuem uma data oficial de surgimento, pois o momento exato do surgimento da primeira CEB no Brasil não é precisado. Sabe-se que foram várias coisas a fomentar o surgimento de grupos de estudos e discussão em lares católicos. O certo é que a partir dos inícios dos anos de 1960, sob influxo da experiência de catequese popular na Barra do Piraí (1956) ou do Movimento da diocese de Natal, ou quem sabe (?) ainda do Movimento de Educação de Base.¹⁷ O contexto sociocultural e eclesial do país na década contribuiu muito para o surgimento das CEBs. Há ainda a influência da Ação Católica na questão da cidadania, os esforços de renovação pastoral do Movimento para um Mundo Melhor e dos Planos de pastoral da CNBB – Plano de Emergência e Plano de Pastoral de Conjunto – e, fundamentalmente, a rearticulação da pastoral popular após a introdução do golpe militar de 1964. Não é possível preterir ainda das remotas experiências de iniciativas leigas que tanto marcaram o catolicismo popular desde a segunda metade do século XIX.

Todas essas influências não explicam completamente a gênese das CEBs no Brasil. Faustino Teixeira diz que é necessário mencionar também os movimentos mais amplos de renovação eclesial, iniciados no início do século XX e sancionados pelo Concílio Vaticano II. Parece que o elemento detonador das CEBs no Brasil foi

¹⁶ SIMÕES, Pedro. *Gênero, Origem Social e Religião: os estudantes de Serviço Social do Rio de Janeiro*: E-Papers, 2009.

¹⁷ REVISTA MUNDO E MISSÃO. Igreja. Disponível em: <<http://www.pime.org.br/mundoemissao/igrejacebs.htm>>. Acesso em: 24 ago. 2011.

exatamente a experiência única e marcante do Vaticano II. Este Concílio revelou seu potencial pastoral em sua abertura para o mundo e para a história e, ao mesmo tempo, sua densidade de reflexão, postulando a imagem da igreja como sendo o povo de Deus a caminho. As CEBs resgataram esses filões através da releitura que a Conferência de Medellín (1968) e Puebla (1979) fizeram na América Latina. Medellín preencheu o imaginário eclesial com a temática da Libertação e Puebla com a evangélica opção pelos pobres. Alfredo Bosi fala que "as Cebes são uma alternativa feliz de enraizar os valores da fé cristã num momento histórico determinado", depois que a Ação Católica foi desmontada nos anos 60. "Segundo Leonardo Boff, em uma entrevista, as características dessas comunidades são: Bíblia, oração/celebração, comunhão/partilha. Tendo como missão a atuação profética na sociedade e política".¹⁸

1.2.3 A Figura Feminina no Contexto teológico e Sociocultural latino

Boff desde a consideração de sua base familiar já elenca o caráter feminino como algo importante em sua percepção teológica. Ao falar de seus pais ele considera o seguinte: "do lado da mãe sou terra, gosto das cozinhas de todo o mundo, da natureza, do bel canto e das coisas diretas. Do lado do pai sou do céu, gosto da leitura, dos vãos arrojados do pensamento, das diferenciações dos conceitos".¹⁹ A questão do masculino e do feminino faz parte da própria ontologia defendida por Boff. São duas dimensões ontológicas do ser humano. Masculino e feminino não são duas características biológicas do ser humano, mas traços profundos da ontologia de cada ser humano. Segundo Boff, essas duas dimensões são princípios ontológicos que perfazem a integração harmoniosa dos seres humanos. Masculino e feminino constituem a estrutura dialética do ser humano.

A sexualidade não é uma mera qualidade no ser humano, mas uma estrutura ontológica. Não é algo que o ser humano tem, porém algo que ele é. Pervade a existência humana em todas as suas camadas. Ser homem ou mulher são maneiras diferentes de ser no mundo, que se relacionam reciprocamente: "Dois inteiros, mas inacabados – se sempre se fazendo –,

¹⁸ CAMPOS, Mônica Baptista. *As Cebes e o Inclusivismo Católico na América Latina*. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st3/Campos,%20Monica%20Baptista.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

¹⁹ JESUS, Rodrigo Marcos de. *Leonardo Boff: antropologia, ontologia, cosmologia, ética e mística*. Centro de Pesquisas Estratégicas "Paulino Soares de Sousa". Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <<http://www.ecsbddefesa.com.br/defesa/fts/Boff.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2011.

se encontram na atração mútua e na liberdade de entrega”. Poderia parecer que há neste ponto uma contradição, a saber: a sexualidade, sendo ontológica, e como ser homem e ser mulher são modos diferenciados de ser no mundo, isso permitiria uma identificação entre masculino-feminino, justamente aquilo que se queria negar.²⁰

Para Boff, a dimensão feminina se caracteriza como mistério. É uma profundidade de percepção do mistério da vida. É afeto e criatividade, corporalidade, é receptividade de sentimento, ternura e cuidado, espiritualidade, vida e conservação. Não é algo que se esgota na biologia ou na cultura, mas é algo que caracteriza o ser humano em modos de ser no mundo. A compreensão errônea dessa dimensão conduz à opressão do homem sobre a mulher e à luta de sexos.

O elemento feminino é fundamental para que as relações sociais entre os gêneros seja colocada em pautas de equidade. A percepção da Terra como Mãe, como Gaia, pode ajudar a perceber que as relações não são definidas somente pela forma masculina, isto é, pelo espírito de lógica que conduz ao domínio de um gênero pelo outro, da Terra pelo ser humano. O elemento feminino traz consigo as características de *Eros*, ele faz a denúncia das vítimas do poder-saber masculino.

1.3 A perspectiva despertativa solidária

A teologia de Boff é fortemente influenciada pela tradição franciscana. Essa tradição valoriza sempre os aspectos cósmicos da existência humana em harmonia com a natureza e com todos os seres, os quais considerados criaturas de Deus e merecedoras de consideração toda especial. Segundo Boff, em Francisco de Assis a concepção de fraternidade é embrenhada na cosmicidade, ou seja, todas as coisas do mundo têm uma animidade que as torna confluentes no mesmo sentido de reverência. Um tipo de reverência pela vida. Ele diz que o mundo franciscano:

[...] é um mundo cheio de magia, de reverência e de respeito. Não é um universo morto e inanimado; as coisas não estão jogadas aí, ao alcance da mão possadora do homem ou justapostas uma ao lado da outra. Elas são animadas e personalizadas; existem laços de consaguinidade com o

²⁰ JESUS, 2011, p. 9.

homem, con-vivem numa mesma casa paterna. Porque são irmãs não podem ser violadas, mas devem ser respeitadas.²¹

O mundo é para o teólogo uma grandeza animada. Há laços de consanguinidade entre todos os seres vivos. São Francisco de Assis trouxe a horizontalidade para a perspectiva paternal vertical que até então era vivenciada na tradição cristã. Deus, como Pai e Senhor da criação, era compreendido muito a partir de um senhorio cósmico não tão includente, ou seja, demasiado antropológico. Francisco de Assis vivenciou e animou as pessoas a perceberem uma interligação maior entre os seres humanos e a própria natureza e o próprio cosmos. O novo é a ideia de que a fraternidade é universal. Boff considera que a paternidade é o nervo central da mensagem de Jesus expressa nos evangelhos. Essa mensagem é pura graça de Deus, pois concede aos seres todos a dignidade de serem filhos e filhas de um mesmo pai que ama não somente como pai, mas também como mãe.

A teologia da graça em Boff ganha uma conotação de desconstrução da linguagem metafísica que a teologia europeia moderna construiu sobre os fundamentos da experiência originária. Ele argumenta que:

Desconstruir continuamente a metafísica, presente na estrutura de nossa linguagem, deixando morrer nossa imagem e reconduzindo-nos à realidade originária que é a ex-istência ou a história do homem: isso é a tarefa de todo o pensamento que se conserva como pensamento.²²

Para ele, os conceitos são apenas signos semânticos. O que está por detrás da experiência é a experiência imanente do ser humano com Deus. A teologia moderna fez um corte metafísico e separou a experiência imanente da ideia em si, algo fora e separado, algo que seria transcendente. O teólogo franciscano concebe tal recorte uma maneira de objetivação da experiência que não pode ser encerrada num tubo de ensaio. Desta forma, ele compreende o Cristo como aquela estrutura cósmica que a todo ser humano e a todas as coisas animadas têm como medida de realidade. Jesus realizou aquela possibilidade latente em cada ser humano de ser

²¹ BOFF, Leonardo. A não-modernidade de São Francisco de Assis. A atualidade do modo de ser de São Francisco de Assis face ao problema ecológico. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 69, p. 335-348, 1975. p. 338.

²² BOFF, Leonardo. *A graça libertadora no mundo*. Petrópolis: Vozes; Lisboa: Multinova, 1976. p. 51.

mais: “o futuro de cada homem [...] está destinado a ser-um com Deus e com isso a ser totalmente divinizado”.²³

Isso aponta para a vocação transcendental que o ser humano possui. Porém, estabelecida a partir do processo histórico. Essa vocação transcendental é mediada pelas vocações históricas, ou seja, é por meio das mediações sociais e históricas que ao ser humano é possibilitado sua vocação transcendental. É na encarnação social que sua transcendência se faz efetividade. Boff argumenta que o drama existencial do ser humano é estar afastado desse destino. É a destinação escatológica que a todo ser humano cumpre deixar acontecer por meio da mediação histórico e social.

Cristo é o futuro de todo ser humano. É a vocação vivida e elevada ao nível máximo da competência humana, sem, porém, ser algo única e exclusivamente dado pela capacidade humana, antes, é a humanidade compreendida em sua finitude diante do cosmos. Essa atitude de percepção da finitude é completiva do ser humano. A partir dessa finitude é que a vocação para ser mais se manifesta, pois ela se dá a partir da doação em gratuidade ao próximo. “As vocações terrestres são de extrema importância porque elas significam a encarnação da vocação absoluta dentro do tempo e da história”.²⁴

²³ BOFF, Leonardo. *O destino do homem e do mundo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 26-9.

²⁴ BOFF, 1982, p. 32.

2 TEOLOGIA DO ZELO BIOGLOBAL NA COSMOLOGIA HODIERNA

2.1 A construtividade do novo ser bioglobal de consciência planetária

Boff aponta que a nova forma, não tão nova assim, aliás, das dimensões espirituais da vida humana talvez esteja dentre aquelas transformações culturais mais significativas que mexeram com século XXI. Isso está ligado ao pensamento de que a vida consciente do ser humano não é somente parte do universo material, mas igualmente vida espiritual integrada ao *Todo Cósmico*, como um ente “re-ligado a todas as coisas” e que põe interrogações importantíssimas sobre o sentido da história e dos rumos que os humanos têm seguido. Um dos grandes desafios de nosso tempo está relacionado à consciência planetária. Como fazer para encontrar um percurso civilizacional inclusivo?, incluindo a natureza?; um caminho que indique possibilidades para o enriquecimento a respeito da compreensão do que é o humano, que envolva não apenas a relação consigo mesmo, e com os outros, mas que, igualmente, perpassa a relação com os cosmo? Não há nada mais prejudicial do que continuar dando razão à idéia moderna da autocentralidade humana e os desdobramentos problemáticos de sua relação de domínio com a natureza. O momento exige uma outra sensibilidade.

Boff fala que seria bom começarmos a entender que destruímos a nós mesmos com essa forma devastadora de “desenvolvimento”. Deveríamos nos conscientizar que o mundo é nossa casa, pois é nela que nascemos e vivemos; merece proteção. Melhor: essa natureza, que é nosso grande *oikos*, merece respeito e escuta, uma “escuta poética”, pois ela tem valor em *si mesma*, não é apenas objeto dos seres humanos para o suprimento de seus desejos. É resultado de uma “nova aliança” entre nós e ela, e deve ser pautada em parâmetros que vão além daqueles estabelecidos pelos desejos feticheiros dos seres humanos, inaugurada no século XVI, por Descartes e outros, que dizia ser o ser humano o senhor e possuidor do mundo.²⁵

O sentido místico para a qual a consciência planetária chama o ser humano a uma nova dinâmica nas relações com a natureza, envolve o olhar, a escuta e o pacto com todas as criaturas e seres cósmicos, com o Todo. Poder-se-ia falar

²⁵ PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. *A Nova Aliança: metamorfose da ciência*. Brasília: UnB, 1997. p. 214.

também da hospitalidade como a capacidade de hospedar o *outro* e sua realidade envolvente. Isto exige humildade epistêmica, pois ela rompe arrogâncias identitárias. À medida que traduz uma nova forma de instalação no mundo, marcada pela “delicadeza espiritual”, pela simpatia, pela cortesia e pela retomada do senso de maravilha, o Todo pode ser compreendido como uma morada.²⁶ Em linha de descontinuidade com a lógica prometeica, a qual intenta a tudo controlar e explicar, seria interessante reaprender o ritmo da imanência na própria atitude de entrega aos outros seres, o que envolve humildade e abertura, ou seja, saber se instalar silenciosamente “no frêmito da contingência”.²⁷

Tudo indica que a característica fundamental do século XXI se consolidará por meio do processo de globalização. Tal fenômeno deveria ser entendido corretamente. Não se trata apenas de um dado econômico, sociopolítico ou cultural, que afeta os seres humanos, antes, tem a ver com a história do próprio planeta Terra. Cada dia mais vem ganhando a adesão na consciência humana de que a Terra é grande organismo vivo e que possui bilhões de anos de evolução histórica. O planeta faz parte da história cósmica; a vida é parte integrante da história do planeta e a vida dos seres humanos também faz parte da história da própria vida da Terra. Formam um todo orgânico o Cosmos, a Terra, a vida e a humanidade porque não são realidades justapostas, mas conjuntivas.

Como seres humanos, participamos como filhos e filhas do planeta, ou seja, nós, os seres humanos, somos feitos da própria Terra. Por isso, a consciência de nossa origem deveria ser o de sentimento de pertencimento, de liberdade e de responsabilidade. A globalização está inserida dentro deste âmbito universal. Os seres humanos que estavam esparsos nas diversas culturas, delimitados em suas formas de comunicação e em seus estados-nação, voltam-se agora de seu longo exílio à casa comum de todos, o Planeta Terra. A globalização, mas a globalização não definida pelo mercado, representa um momento novo da Terra em que a maldição babilônica pode juntar a espécie humana numa fraternidade realmente solidária. Estão todos colocados num único e mesmo lugar, isto é, no Planeta Terra. É a partir dessa nova realidade que pode ser entendido que não mais haverá histórias deste ou daquele país, mas a história de toda a humanidade, unificada e

²⁶ SPONVILLE, André Comte *apud* TEIXEIRA, Faustino. Salvação, entre e além das religiões. *Revista de Teologia e Ciências da Religião*, Ano VII, n. 7, dez., 2008. p. 97.

²⁷ BOFF, 1999.

globalizada por laços de solidariedade, os quais moldados pela necessidade que a própria mãe Terra imporá sobre seus filhos e filhas desobedientes.

Boff expressou bem essa impressão ao dizer:

Esse fenômeno novo foi detectado com grande impacto emocional pelos astronautas em suas naves espaciais ou da Lua. Muitos deles, pasmados, confessaram: daqui da Lua não há distinção entre russos e norte-americanos, entre brancos e negros, entre Terra e humanidade; somos uma única realidade viva, irradiante e frágil como uma bola de Natal dependurada no fundo negro do universo; temos o mesmo destino comum; devemos aprender a amar a Terra como a nossa Casa Comum.²⁸

O teólogo franciscano diz que a globalização traz junto a outras questões um tipo de consciência que ele chama de *Consciência Planetária*. Essa concepção fundamenta-se na nítida percepção de que temos somente esse planeta para habitar. É realmente fundamental cuidar do planeta assim como cuidamos de nossos bens mais valiosos e de nossos próprios corpos. Estão todos ameaçados com as forças naturais e antinaturais, seja pelas armas de destruição nuclear, seja pela gradativa violência aos sistemas ecológicos os quais põem em xeque o futuro da Terra. Isso implica em que ou nos conscientizamos todos de que a biosfera e os seres humanos são parte de uma mesma lógica ou todos juntos seremos arrastados pela violência que a agressão ao ecossistema tem engendrado contra muitos grupos humanos.

Essa consciência coletiva tem forçado a formação de instituições internacionais voltadas à gerência dos interesses grupais destinados a promover uma comum direção para todos os habitantes do planeta. Cada dia mais tem se ampliado o sentimento de que há uma sociedade mundial, unida por meio das necessidades comuns e, sem perder, obviamente, a diversidade dada pelas características sociais e culturais de levar a cabo tal unidade. Há de haver uma única família, isto é, a família humana. Esse sentimento familiar poderá gerar novas solidariedades. Aquele dado escandaloso de que dois terços da humanidade são compostos de pessoas na pobreza e na marginalidade será tido como algo intolerável.

Boff argumenta que o fenômeno globalizacional e sua correspondente *consciência planetária* promovem o surgimento de um outro paradigma civilizacional,

²⁸ BOFF, Leonardo. *Casamento entre o céu e a terra*. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001. p. 9.

o qual é caracterizado por um novo modo de se relacionar com a natureza e com os outros povos da Terra. Isso implica uma nova forma de produção, e uma nova forma de subjetividade humana e também do trabalho.²⁹

À medida que vai crescendo a chamada *Consciência Planetária*, também cresce a convicção de que a questão do *meio-ambiente*, da *ecologia*, é o contexto de tudo, isto é, das políticas públicas, da industrialização, da educação e também das relações internacionais entre os países. Sabe-se que os recursos naturais não renováveis estão sendo desgastados pelo modo de consumo do ser humano, muito mais rapidamente pelas sociedades ricas, e a harmonia dos sistemas vivos do planeta tem sido profundamente destruído. Desta feita, importa refletir que ou se muda certos padrões de consumo dos produtos retirados da natureza ou haverá a reação climática correspondente, por parte do sistema planetário.

A causa principal deriva do modo como costumamos tratar a natureza. Ela é generosa para conosco, pois nos oferece tudo o que precisamos para viver. Mas nós, em contrapartida, a consideramos como um objeto qualquer, entregue ao nosso bel-prazer, sem nenhum sentido de responsabilidade pela sua preservação nem lhe damos alguma retribuição. Ao contrário, tratamo-la com violência, depredamo-la, arrancando tudo o que podemos dela para nosso benefício. E ainda a transformamos numa imensa lixeira de nossos dejetos.³⁰

Por isso, a sociedade do século XXI necessita aprender a apreender e aprender a consumir com responsabilidade, uma responsabilidade lastreada pela solidariedade. O lixo do planeta é o dejetado do consumo planetário dos produtos da natureza. Nenhum organismo vivo pode suportar tal coisa por muito tempo. Trata-se de uma forma de aliança de respeito e de veneração para com a *Natureza* e suas exigências. É um imperativo ético no modo de lidar com o desenvolvimento e com a *Natureza*, e não algo contra ela ou à custa dela, como se fez durante séculos, isto é, a natureza como algo a ser dominado.

A *Consciência Planetária* compreende a noção de um pacto social mundial entre as nações baseado fundamentalmente em três valores:

²⁹ BOFF, 2001, p. 11.

³⁰ BOFF, Leonardo. *O preço de não escutar a natureza*. Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/site/lboff.htm>>. Acesso em: 29 out. 2011.

1. Resguardar as necessárias condições de sobrevivência do Planeta Terra para que o ser humano possa continuar a habitá-lo e a co-evoluir harmoniosamente;
2. Permitir com isso o futuro da espécie humana como um dos organismos vivos que habitam o planeta e todas as condições de sua manutenção em parceria;
3. Conseguir a *Paz Perpétua* entre as nações como um meio de solução de todos os conflitos que sempre existirão.

Tem se falado que a sociedade do século XXI está sendo marcada pelo conhecimento, pela informação e pela automação.³¹ Incorporando socialmente as novas formas de natureza e de processos tecnológicos, a sociedade em rede, ou do conhecimento, gira em torno do saber. A “tecnologia” tem inaugurado novas maneiras de se fazer a história. Durante grande parte da história humana, e dos povos e nações, as sociedades foram construídas sobre a exploração da força de trabalho de uns seres humanos por outros, a qual vem sendo completado e levado à máxima potência pela tecnologia. O trabalho tem realizado tudo. Modificou o ambiente natural e criou a cultura. A partir de agora, robôs e computadores vêm substituindo cada vez mais os seres humanos. Os trabalhadores têm sido substituídos e dispensados de funções simplificadas. Cada vez mais surge a necessidade de trabalhadores altamente qualificados. Isso implica em educação, pois somente níveis considerados de educação podem qualificar um trabalhador a operar várias máquinas ao mesmo tempo. Por isso, a educação se torna também, na sociedade do conhecimento, um fator fundamental. Do qual não podem ser excluídos os trabalhadores sem acesso à educação.

Cabe a pergunta: como ocupá-los com sentido? Como permitir o pleno emprego para a plena atividade em sociedade do conhecimento, na qual o trabalhador precisa ser altamente qualificado? Nesse novo ambiente, os trabalhadores precisam ser flexíveis, demonstrar habilidades múltiplas e desenvolver trabalhos ou atividades produtivas que necessariamente não estejam vinculadas ao mercado. Possivelmente, no Brasil, o Ministério da Cultura e do Desporto, argumenta Boff, “terá um dos ministérios mais importantes dos governos futuros, pois eles deverão criar alternativas de ocupação para milhões que estarão fora do

³¹ CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

mercado do trabalho assalariado”.³² Por outro lado, o trabalhador, livre daquele regime de assalariamento, poderá assumir o sentido originário da atividade “plasmadora” da natureza por meio da capacidade humana criadora. Nessa sociedade do conhecimento, crê-se que os autômatos poderão deixar o ser humano mais livre do *regime da necessidade* de ter que trabalhar para sobreviver. Inaugura-se o *regime de liberdade* que possibilita aos seres humanos expressarem-se de uma maneira que somente ele, sujeito livre e criativo, poderia fazer.

2.2 Mística intermediária de Leonardo Boff: antropocentrismo cristão teocentrismo cosmológico

O humanismo e a renascença motivaram o Ocidente cristão a buscarem na antiguidade os moldes e as formas da centralidade da espécie humana, o que ficou conhecido como antropocentrismo cristão. Melhor dizendo: o ser humano como centro do cosmo.³³ Essa perspectiva se deteve em tantos meios de articulação política e social quantos científicos. O ser humano como centro da vida na terra trouxe o domínio científico e conceitual por sobre a natureza.

O antropocentrismo é a necessidade humana de se colocar acima das outras criaturas, é a divinização da pessoa humana em meio ao cosmo. É uma concepção genérica que, em síntese, faz do ser humano o centro do universo, uma referência máxima e absoluta. Nessa situação, os demais seres flutuam ao redor do sujeito humano, realizando assim a sujeição dos objetos: a natureza, o espaço e, em muitos casos, certos seres humanos.

Leonardo Boff concebe o antropocentrismo como resultante da tradição judaico-cristã e da tradição greco-romana. Essas tradições moldaram a tradição ocidental, não somente nos aspectos religiosos mas também intelectuais e antropológicos, isto é, se acham a coroa da criação. Essa noção é muito forte na teologia da criação de muitas tradições religiosas.³⁴ A consequência dessa postura é a tecnologia como a interação possessiva do ser humano do mundo. A necessidade de domínio técnico é a marca preponderante da modernidade e do sistema capitalista. Tudo acaba girando em torno do uso que pode ser feito dos recursos naturais para que os seres humanos consigam mais e mais se afastarem da

³² BOFF, Leonardo. *Casamento entre o céu e a terra*. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001. p. 11.

³³ BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 27.

³⁴ LOVELOCK, James. *A vingança de Gaia*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006. p. 132.

natureza. O que acontece é justamente uma tentativa de isolamento do ser humano de sua condição humana, e humana num sentido holístico, ou seja, sua relação com a terra fica restrita ao conhecimento que ele tem dela e do pouco contato com a natureza, o que é feito muitas vezes por lazer ou entretenimento, e não como algo que é constitutivo do próprio ser humano.

O biocentrismo, por outro lado, é uma forma antítese de pensar a existência humana. Ao contrário do antropocentrismo ocidental, o biocentrismo está visceralmente ligado à comunidade ecológica mundial, é espiritualista e subjetivista. Ele tem na comunhão cósmica e na pluralidade seu veio fundamental. Essa comunidade na qual reside o ser humano é a mãe terra. Ele é um dentre outros irmãos e irmãs.

A Idade média é repleta de exemplos de comportamento e filosofias biocêntricas. Podemos verificar, em São Francisco de Assis, uma conduta dignamente biocêntrica, tendo ele um relacionamento de solidariedade com os animais, fazendo-o “construir ninhos para as rolinhas, ou afastar do caminho um bicho rasteiro que se arriscava a ser esmagado, ou a levar mel às abelhas no inverno. Juntava-se aos pássaros, os quais, acreditava, estavam louvando ao Senhor, para cantar as horas canônicas”.³⁵

É dessa espiritualidade medieval que Boff busca exemplos para sua relação com a natureza. Ao falar a respeito de São Francisco de Assis, segue o raciocínio teológico franciscano pautado na leitura do livro de Gênesis 2.15-17, do qual compreende a vida humana como irmã das outras formas de vida: “Louvado seja Senhor com todas as tuas criaturas. [...] Louvado seja Senhor, por nossa irmã Terra, que nos sustenta e governa, e produz frutos diversos e coloridas flores e ervas”.³⁶

As correntes de pensamento e de movimentos ligados às causas ambientais têm realizado esforços consideráveis na perpetuação de uma consciência mais abrangente a respeito da importância de uma ética que cuide do meio ambiente como um conjunto complexo de sistemas de vida conectados.³⁷ Essa concepção de vida, o biocentrismo, ganhou *status* conceitual com o grande número de pensadores, políticos, lideranças comunitárias e religiosas, entre outros, a partir da

³⁵ DIAS, Edna Cardoso. *A tutela jurídica dos animais*. Belo Horizonte: Mandamentos, 2000. p. 86.

³⁶ BOFF, Leonardo; PORTO, Nelson. *São Francisco de Assis: homem do paraíso*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 67

³⁷ DIAS, 2000, p. 86.

conscientização ética.³⁸ Ações congruentes foram marcas paradigmáticas dessa concepção de respeito pela grande mãe Terra e pelo cosmo como seres vivos e parceiros juntamente com o ser humano. Dentre estas personagens podem ser destacados os nomes de Albert Schweitzer,³⁹ Mahatma Ghandi,⁴⁰ José Lutzenberger,⁴¹ entre outros.

É dentro desta ruptura de paradigma que o pensamento de Boff se localiza, ou seja, se aloca no biocentrismo. As formas de valorização da relação do ser humano com a natureza e com os meios ambientes que perfazem as várias maneiras de interagirem os organismos vivos do planeta. Neste paradigma, os seres estão em comunhão com as necessidades reais e não depredatórias. Não se trata de um modo “primitivo” de conceber a vida humana presa a um “modo asiático” de ser, isto é, formas mágicas de relação com a natureza, antes, trata-se de perceber o que de bom se pode retirar da experiência humana e sua história com a natureza e realocar tal experiência com a necessidade de respeito à vida.

2.2.1 Nova cosmicidade cristotélica

A concepção cristológica de Boff, como se sabe, passou por mudanças desde suas primeiras elaborações. A primeira fase é marcada por uma característica mais antropológica e eclesiológica, por assim dizer. Até meados dos anos de 1970, Boff enceta argumentações cristológicas mais antropológicas. Depois deste período, é marcadamente realizada uma leitura a partir do eixo da libertação. Nogueira Baptista afirma que Boff enfatizava, neste período, os aspectos fundamentalmente sociopolítico-econômicos:

Além do diálogo não ser colocado como questão, como tema teológico, a preocupação e a prioridade da TdL eram a dinâmica libertadora, inicialmente, marcada pelos aspectos sociopolítico-econômicos. A libertação e a categoria “Reino de Deus” poderiam até ser considerados fontes de abertura, mas elas não tiveram essa dimensão. O motivo principal é a

³⁸ GRÜN, Mauro. *Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária*. Campinas: Papyrus, 1996.

³⁹ SANTANGELO, Enzo. *Albert Schweitzer: um médico entre os leprosos*. São Paulo: Loyola, 1983.

⁴⁰ JUNGES, José Roque. Ética ecológica: antropocentrismo ou biocentrismo. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 33, n. 89, p.33-66, 2001.

⁴¹ LUTZENBERGER, José A. *Fim do futuro?: manifesto ecológico brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: Movimento, 1986.

relevância da transformação estrutural diante do empobrecimento, da opressão e dominação.⁴²

As raízes teológicas do pensamento cristocentrista de Boff se fundamenta na centralidade da ressurreição. Não se trata de uma cristologia monista que faz do mediador a finalidade de tudo, antes é a forma da mediação que é importante para Boff, ou seja, o cristocentrismo de Boff se caracteriza como uma mediação que procura apontar para o Reino de Deus, e fundamentalmente para o Deus do Reino (Jo 14.28). Essa fase de seu pensamento é muito marcada pela dimensão “ontológica”. Nesta fase é encontrado o “Cristo” mediado pela teologia europeia, muito existencialista. Há uma densidade firme na “encarnação” como aquela realidade vivenciada pelo próprio Cristo como pessoa pobre e humilde, nascida no curral e tendo por berço o coxo dos animais. Estrutura-se uma “cristologicósmica”.⁴³

A ressurreição é o elemento constitutivo que fundamenta o evento Jesus. Isso é, a páscoa cristã. A partir desse olhar retroativo dos acontecimentos é que as comunidades pobres da Galileia interpretam a Jesus. Boff, justamente, por isso, faz a comparação da experiência cristã com as demais religiões. Embora ele afirme certa “universalidade salvífica”, concebe aí também certa prevalência onto-teológica da ressurreição de Jesus. Melhor dizendo: não há uma simples maneira interpretativa de ver os eventos, mas há um aspecto de positividade nos acontecimentos, pois se trata de uma existência autêntica, existencialmente e, muito mais para o contexto latino-americano, uma existência histórica materialmente visível. Não se trata de um cristocentrismo pautado por uma expressão de poder-saber a respeito do sagrado, nem sequer um déficit teológico escolástico em que a substancialidade se perde na pura filosofia, pelo contrário, estão presentes nessa cristologia a dimensão pneumatológica e trinitária, o anúncio do Reino e do Pai é marcado pela realidade de uma vida que ganha expressão concreta a partir dos debaixo.

Nessa fase, a eclesiologia romana parece ainda estar fortemente marcada, como bem expressa a seguinte citação:

⁴² BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. *A Teologia de Leonardo Boff e o diálogo inter-religioso: limites e aberturas*. Disponível em: <<http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/docdigital/simposioteologia/pdf/Paulo%20Agostinho%20Nogueira%20Baptista.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2011.

⁴³ BAPTISTA, 2011.

A Igreja Católica Apostólica Romana, por sua estreita e ininterrupta ligação com Jesus Cristo a quem ela prega, conserva e vive em seus sacramentos e ministérios, e por quem se deixa continuamente criticar, pode e deve ser considerada como a mais excelente articulação institucional do cristianismo [...] sua objetivação e concretização institucional mais perfeita e acabada, de tal forma que nela já se realiza, em germe, o próprio reino de Deus [...].⁴⁴

Desta posição, de um cristocentrismo ligado à eclesiologia romana, Boff passa mais tarde à crítica de sua fase anterior. O livro *Igreja, Carisma e Poder* o demonstram bem.⁴⁵ No entanto, ainda não há uma decisiva argumentação em direção a um ecumenismo efetivo. Sua briga é mais interna. Suas elaborações teológicas estão intimamente ligadas à instituição romana. Ele afirma que a centralidade do argumento é a libertação social.

A temática essencial desta Igreja [é] a mudança social na direção de uma convivência mais justa, direitos humanos, interpretados como direitos das grandes maiorias pobres, justiça social, libertação integral, passando principalmente pelas libertações sócio-históricas, serviço concreto aos deserdados deste mundo etc.⁴⁶

Há uma abertura fundamental para a realidade das CEBs. Essas são como pequenas manifestações de solidariedade e de participação no conjunto da Igreja. Está em contraste com a estrutura hierárquica e autoritária da cúria romana. Tais afirmações, como sabemos, renderam-lhe alguns anos de “silêncio obsequioso”.

Todas estas experiências mostraram-lhe que se tratava muito mais de um problema político do que teológico. As reivindicações de outros atores teológicos também começaram a tornar o olhar de Boff mais amplo. Mulheres, negros, índios e outros grupos segregados começaram a questionar quem eram os pobres conceituados na teologia de Boff e de outros autores, quase sempre todos eles padres, no caso da ICAR, e pastores, no caso das igrejas protestantes. O interessante aqui é que novamente é uma questão onto-teológica que irá marcar as mudanças no pensamento boffiano, isto é, a realidade concreta é que chamará a atenção do franciscano para o ecumenismo, uma vez constada a impossibilidade de uma maior abrangência do diálogo intra-institucional.

⁴⁴ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 278-279.

⁴⁵ BOFF, 1982, p. 26.

⁴⁶ BOFF, 1982, p. 26.

É nesse sentido que Boff entenderá que a salvação é maior que a libertação, embora estejam incluídas. Porém, aqui se trata de uma salvação em termos cósmicos e não somente no sentido socioeconômico e político-cultural. A salvação está intimamente ligada ao planeta e não simplesmente a um grupo apenas. A salvação é cósmica, bem como argumentou o apóstolo Paulo (Rm 8.22).

É a partir da década de 1990 que Boff mudará seus apontamentos a respeito da ecumenicidade mais ampla que aquela que ele defendia enquanto membro ativo da ICAR. A ecumenicidade já estava desde o início presente em seu pensamento, porém, incipiente, se assim é possível dizer. Boff acredita que a TdL foi muito mais influenciada pela sociologia e pela tradição católica sincrética, que valoriza o elemento religioso, do que pela teologia europeia católica e protestante. Embora isso fique dito em suas palavras, quem lê seus textos percebe que há certo exagero em negar as influências.

Certamente muitos de nós leram, estudaram Barth, mas o caminho nosso não foi mediado por teólogos como Barth, por elaborações teóricas prévias, ele surgiu e confronto com a realidade. A nossa realidade percebia, primeiramente, que a religião tinha duas vertentes bem analisadas por Marx, Weber. Ela pode servir de legitimação dos poderosos e de resignação e aceitação dos pobres. Esse processo produz a opressão. Por isso é importante o resgate do Jesus Histórico. Ao resgatar o Jesus Histórico se percebe uma religião libertadora. O pobre não quer a pobreza, não quer a injustiça, ele tem a centralidade no Reino. Então, o importante não era a religião. É nesse sentido que a TdL pensa a questão da religião, não tem nada a ver com Marx, com Barth. Pelo contrário, acho que nem aceitaríamos essa visão que é absolutamente anticatólica. O católico valoriza o religioso. Em sua história o cristianismo incorporou diversas tradições, o catolicismo é fruto de grande sincretismo: greco-romano, bárbaro, anglo-saxão, ele incorporou todos esses elementos. Ele é tolerante nesse sentido. Só a partir do século XIX, com o crescimento das igrejas da reforma, ele se tornou intolerante; antes ele não era assim.⁴⁷

Parece que Boff retroprojeta sua perspicácia intelectual para o passado e o lê pelo presente. Essa mudança se dá em face às insistentes recomendações de silêncio da hierarquia romana e à impossibilidade de lidar com a intolerância, ademais, há toda uma mudança a partir dos anos de 1990 no contexto brasileiro. Esse é o chão em que Boff tem como realidade de mudança em sua percepção teológica, a qual partirá definitivamente para uma teologia mais pautada pela

⁴⁷ BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. *A Teologia de Leonardo Boff e o Diálogo Inter-Religioso: limites e aberturas*. Disponível em: <<http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/docdigital/simposioteologia/pdf/Paulo%20Agostinho%20Nogueira%20Baptista.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

salvação cósmica, sem, no entanto, abrir mão da libertação. Contudo, a salvação agora é mais do que a salvação social, política ou econômica, é, acima de tudo, planetária.

É no contexto da Eco92 que muitas questões passam a ser debatidas. A crise bioglobal começa a ser debatida de forma mais intensa e a segurança do planeta passa a ser pauta de discussões entre os governos. Também é nessa extensão e significado temático que a cristologia cósmica, a eclesiologia da Igreja sacramento do Espírito, a concepção de Deus-trindade, a visão do ser humano como “nó-de-relações” e a espiritualidade vão se fazer presentes de maneira mais ampla no pensar teológico de Boff. Há muito mais pontos de encontro na teologia boffiana para o diálogo ecumênico do que aqueles que apresentam certas limitações. “Há muitos elementos de abertura e também muitas expressões limitadoras. Defende-se que os elementos abertos terão grande desenvolvimento ou propiciarão outras perspectivas quando acontecer a sua mudança paradigmática em 1990/93”.⁴⁸

A abertura ao diálogo ecumênico destacado da eclesiologia romana foi realizada a partir de um “horizonte de abertura”. A dialogicidade com a razão é um elemento muito importante na teologia boffiana. Algo que vem da tradição escolástica e que permanece no pensamento católico, ou seja, a revelação e a razão como convergindo em rios semelhantes. A própria teologia dogmática teve seu caldo epistêmico dessas fontes. A necessidade de as comunidades agregadas ao redor de Jesus dar a razão da fé Nele (inteligência da fé) as lançou em elaborações de reinterpretação dos eventos pascais à luz da razão humana e das elucubrações religiosas da época. É essa forma de traduzir a fé em notas epocais que Boff considera ser a tarefa precípua da teologia encarnada onticamente.

A encarnação aponta para o elemento cristológico da teologia boffiana. Para Boff, a revelação é algo dado às religiões. Não é alguma coisa pertencente à Igreja somente. A revelação “pode se dar no universo, mas antes [...] se verifica por toda a parte e sempre lá onde se encontra [...] o homem. [...] Há portanto uma revelação direta e indireta de Deus verificável não só na Escritura, mas também nas religiões.

⁴⁸ BAPTISTA, 2011.

Os modos variam, a revelação contudo é uma e única”.⁴⁹ A revelação é dada às religiões porque Deus não habita uma única paróquia. Em Jesus, o mistério da fé se fez carne porque habitou entre os pobres e oprimidos, e não entre os sacerdotes e os defensores da doutrina correta. Ele diz o seguinte:

A encarnação não diz respeito apenas a Jesus de Nazaré. Ela afeta a cada homem. Por ela, Deus realizou uma possibilidade que estava latente dentro da natureza humana e que foi colocada aí por Ele: a de se unir hipostaticamente com o Verbo eterno. Na natureza humana e santíssima de Jesus se realizou esta possibilidade de forma exaustiva e escatológica. Jesus é nosso irmão. Logo, em nós está também esta possibilidade ontológica. Nada repugna que possamos ser assumidos por Deus (*potentia oboedientialis*) e realizemos plenamente nossa conformidade com Jesus Cristo. É do desígnio de Deus que somente Jesus de Nazaré, na história peregrina para o Reino, fosse assumido hipostaticamente. Mas isso não desfaz nossa possibilidade ontológica. Ela está aberta a uma realização futura na glória de Deus, na medida própria a cada um, diferente daquela realizada por Jesus Cristo. Ele é o primeiro entre muitos irmãos. Nós seguiremos a Ele (cf. Rm 8, 29).⁵⁰

Dentre as pontuações teológicas de Boff a respeito de sua abertura ao diálogo ecumênico, e sua ulterior postura planetária, podem ser citadas além da encarnação e da revelação, ambas ligadas à cristologia, pode-se lançar, mão ainda de sua ideia de transcendência na imanência, as quais partes da percepção sacramental já referida anteriormente, e da Trindade como a melhor comunidade.

Para Boff as religiões são imbuídas de um mesmo espírito de preocupação moral com relação ao destino da humanidade. Daí sua transversalidade de sentido. Para ele:

Toda religião é uma expressão sociocultural de uma fé, de um encontro do homem com o Divino. Na religião se articulam os grandes temas que movem as consciências e as buscas humanas radicais: pelo sentido da vida, da dor, da sobrevivência; na religião se elabora o discurso sobre o Sentido supremo (Deus) e se tematiza a dimensão do homem voltada para o incondicionado e absolutamente importante na vida.⁵¹

As religiões são maneiras contextuais e específicas de uma transcendência que pertence ao gênero humano e não apenas a uma instituição detentora de toda a

⁴⁹ BOFF, Leonardo. Tentativas de Solução Ecumênica para o Problema da Inspiração e da Inerrância. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 30, n. 119, p. 648-67, set., 1970. p.656-7.

⁵⁰ BOFF, Leonardo. Jesus de Nazaré e Francisco de Assis: articulações diferentes de um mesmo mistério. In: NEOTTI, Clarêncio (Org.). *Nosso irmão Francisco de Assis*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 135.

⁵¹ BOFF, Leonardo. Religiosidade popular e política. *Convergência*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 128, p. 618-20, dez., 1979. p. 620.

revelação. É esse o horizonte de Boff para a articulação de sua teologia trinitária e de seu pensamento planetário.

2.3 Diálogo inter-religioso, ecumenismo e respeito na vivência

Em a Nova Evangelização, Boff reflete a respeito da abertura ecumênica em relação aos outros grupos religiosos, os quais excluídos pelas normatividades. Ele fala em “respeito e acolhida das culturas por causa de Deus mesmo e da obra que Ele fez entre as culturas”;⁵² fala do acolhimento “teológico” das religiões em suas especificidades culturais, da originalidade de cada uma e, não mais importante, porém, inevitável, irrevogabilidade, sem a qual não é possível compreender as culturas e acaba-se fazendo delas uma “leitura extrinsecista e, no fundo, perversa porque não fazemos justiça às pessoas que vivem a cultura determinada e as significações mais altas que elas ligam à sua religião”;⁵³ de suas capacidades de produzirem também boas novas com relação às situações de calamidade social e cultural, não como imposição de fórmulas prontas, mas por que contextuais; e de suas celebrações da vida a partir de cada cultura para “indicar esta presença da vida ressuscitada”.⁵⁴

Ao que tudo indica, fica perceptível que Boff tenha ampliado sua visão eclesiológica a partir da temática da cultura e sua visão de evangelização, o que possibilitou a criação de efetivas condições para o diálogo interreligioso. Para que a “evangelização integral” seja dialógica, é necessário que a encarnação assuma a realidade e o contexto do *outro*, com todas as vicissitudes, pois “cada povo deverá poder ser Povo de Deus sem precisar passar pela mediação daquele que, por primeiro, reconheceu ser amado por Deus e, por isso, constituído como Povo de Deus, o povo judeu-cristão”,⁵⁵ a visão trinitária – o Logos, Filho e Espírito, presente em tudo e em todos – outra compreensão da redenção (necessidade elementar para que o diálogo seja reconhecido a partir de suas imperfeições e contradições mútuas); o entendimento da ressurreição como força vital, da criatividade e da “irrupção do novo”; e, por fim, a visão do Reino, o final transfigurado de cada cultura.

⁵² BOFF, Leonardo. *Nova evangelização: perspectiva dos oprimidos*. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 39.

⁵³ BOFF, 1990, p. 40.

⁵⁴ BOFF, 1990, p. 40.

⁵⁵ BOFF, 1990, p. 84.

No contexto de abertura, Boff considera, aliás, que as Igrejas podem ser “evangelizadas” por outras religiões, assim como Jesus foi tocado pela Mulher Cananéia (MT 15.21-28). “A Igreja romano-católica pode ser evangelizada pelas demais Igrejas cristãs e pelas religiões do mundo. A tradição recebida de Jesus, por seu caráter de mistério, não pode ser totalmente expressa numa única articulação histórico-social por mais excelente que seja”.⁵⁶ Demonstra, assim, a abertura para o diálogo argumentando como essas religiões podem ensinar aos cristãos: “especialmente aquelas do Oriente [...], nos ensinam a mística como movimento popular, a paixão pela transcendência, a união entre adoração e vida de trabalho e a busca de integração do ser humano com a presença do mistério em todas as coisas”.⁵⁷ Em suma, as religiões são portadoras de ensino dos mistérios de Deus porque todas elas recebem em graça a responsabilidade de um destino comum.

⁵⁶ BOFF, 1990, p. 61.

⁵⁷ BOFF, 1990, p. 61.

3 ESPIRITUALIDADE EDUCATIVA BIOGLOBAL: UMA PEDAGOGIA PARA A VIDA

3.1 Teologia da Jardinagem Universal

E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, na banda do Oriente, e pôs nele o homem que havia formado (Gn 2.8).

A partir da teologia do Gênesis 2.15-19, a tradição cristã acostudou-se a defender uma forma específica de educação, a saber, aquela que vê na realização da pessoa humana como alguém que é potencialmente um ser que carrega geminalmente a aparência do criador. Porém, não uma aparência em termos físicos e estruturalmente plástica, mas uma aparência em termos de gerência da criação, uma co-criação a partir da parceria.⁵⁸ O ser humano como imagem de Deus significa a totalidade de suas faculdades cognitiva, afetiva, psíquica, holística, etc, as quais dotadas de função regente no mundo. “O que está implícito na concepção é, isto sim, a ideia da parceria, da comunhão com Deus, de uma extraordinária proximidade ao Criador. O ser humano passa a ser ‘sujeito’, ou mesmo, ‘pessoa’, assim como o próprio Deus o é”.⁵⁹

A educação assim, desde uma perspectiva da jardinagem como aquela função universal cabível a todos os seres humanos se insere numa perspectiva de comunhão com os seres vivos e não mais se pauta por aquele tipo de domínio opressor que durante grande parte da história foi submetida a criação e que já desde Paulo fala-se de uma remissão de toda a criação (Rm 8). As aulas de religião deveriam se pautar pela noção de um cuidado e respeito pela vida integral. Uma educação conscientizadora concebe a responsabilidade ecológica como uma tarefa ética e moral. Não é possível desunir os processos educacionais de processos éticos relacionados à vida em sociedade e suas consequências morais cotidianas. Todas as vezes que houve essa dissociação entre o ser humano e a natureza como algo a ser dominado e espezinhado como um ser estranho e diferente, sabe-se das consequências atuais que têm gerado tantos problemas ao meio ambiente e ao ser humano.

⁵⁸ BRAKEMEIER, Gottfried. *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002. p. 18-19.

⁵⁹ BRAKEMEIER, 2002, p. 20.

A responsabilidade e o cuidado da vida como um todo emaranhado, ao molde de uma grande rede tecida de vivas relacionais, não pode ser protelado irresponsavelmente. A igualdade do ser humano com Deus passa pela noção dialética de consideração respeitosa em temor e tremor pelas polaridades, as quais nunca assumem a preponderância na balança das atividades sociais. Ou seja, a vida em sociedade deveria ser uma existência que sabe respeitar os limites e os acessos que a todos os seres humanos é de direito. As conquistas humanas e tecnológicas ficaram reduzidas a um número restrito de pessoas. Brakemeier argumenta que negar os elementos que constituem a igualdade humana e sua dignidade de criatura envolvida no todo é equivocado, pois nega a dádiva do criador que a todos dá igualmente.⁶⁰

A vivência de ensino-aprendizado a partir dessa percepção dialética que vê na constante relação entre os pólos certa dinâmica heurística, isto é, um tipo de aprendizado que surge da percepção da não abrangência totalitária da condição humana, uma condição que é marcada pela limitação imanente à sua situação de um ser conhecedor sempre a partir de um ponto de vista, que conforme Boff, é sempre a vista de um ponto. A educação que se quer jardineira é assim, sabe-se que está num jardim e que o jardim é um constante cultivo. Assim, o que Boff orienta é que cada um saiba que interage com o mundo a partir de seus próprios órgãos sensitivos, e não com algo que lhe dá a certeza absoluta de uma visão geral. Boff diz que o ato de ler e compreender se faz sempre a partir de uma certa posição do corpo:

Ler significa reler e compreender. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê é necessário saber como são seus olhos e qual a sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiência tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. Sendo assim, fica evidente que cada leitor é sempre um co-autor. Porque cada um lê e relê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita.⁶¹

⁶⁰ BRAKEMEIER, 20012, p. 22.

⁶¹ BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha*: uma metáfora da condição humana. Petrópolis: Vozes, 1997.

A interpretação do mundo se dá por uma certa posição no mundo. Uma posição da cabeça, dos olhos, dos pés, do tronco, etc. No entanto, essa interpretação é possível a partir de um encontro com outros vieses, com outros olhares, com outras formas de ver e sentir o mundo. Por isso, uma educação da jardinagem universal deveria ser ecumênica. Ver o mundo com os sentimentos e os limites de cada um é perceber a riqueza que somente em conjunto é possível. O mundo é multicolor, multiétnico, multietnico, multimoral, multireligioso, etc. Boff argumenta assim:

Estas respostas não se encontram prontas em algum recanto privilegiado da Terra. Nem em algum livro ancestral. Nem em mestres e gurus com novas ou antigas técnicas de espiritualização. Nem em alguma profecia escondida. Nem em iniciações rituais e mágicas. Nem simplesmente em caminhos terapêuticos à base de produtos naturais. Devemos aprender de todas estas propostas, mas cavar mais fundo, ir mais longe e evitar soluções calcadas sobre uma única razão. Importa inserir outras dimensões para enriquecer nossa visão.⁶²

A educação da jardinagem universal está fundamentalmente marcada pela ética do cuidado. Não se trata de um simples ato, mas antes de uma atitude moral e ética que pauta o cotidiano. É o contrário descuido e do descaso. Abrange a vida em sua organicidade. É um modo de ser. Boff argumenta a partir da filosofia do alemão Martin Heidegger. Ele compreende o cuidado como um modo de ser essencial, ou seja, como uma característica ontológica do ser humano, é algo que está intrinsecamente ligado à natureza biofísica do ser humano, pois sem o cuidado fundamental que o ser humano necessita desde seu nascimento, infância, vida adulta e envelhecimento, sem o cuidado terapêutico (carinho e atenção) o ser humano degenera em agressão a si mesmo e aos outros. “Um modo-de-ser não é um novo ser. É uma maneira do próprio ser de estruturar-se e dar-se a conhecer. O cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano. O modo-de-ser cuidado revela de maneira concreta como é o ser humano”.⁶³

A jardinagem universal possui no cuidado uma maneira de ser dentro do jardim. É o próprio cuidado com a Terra. O cuidado com o próprio jardim representa o cuidado com o local em que cada um tem plantado seus pés. O cuidado com o outro representa o cuidado com a comunidade, com a globalidade, com o coração e

⁶² BOFF, 2003, p. 25.

⁶³ BOFF, 2003, p. 33-34.

com a capacidade de pensar no futuro, prescindindo-se do modo-de-ser trabalho assalariado que domina o ser humano a partir da destruição do ethos e do próximo. O cuidado assim entendido é cuidado com a sociedade sustentável.

Sustentável é a sociedade ou planeta que produz o suficiente para si e para os seres dos ecossistemas onde ela se situa; que toma da natureza somente o que ela repor; que mostra um sentido de solidariedade generacional, ao preservar para as sociedades futuras os recursos naturais de que elas precisarão. Na prática a sociedade deve mostrar-se capaz de assumir novos hábitos e de projetar um tipo de desenvolvimento que cultive o cuidado com os equilíbrios ecológicos e funcione dentro dos limites impostos pela natureza. Não significa voltar ao passado, mas oferecer um novo enfoque para o futuro comum. Não se trata simplesmente de não consumir, mas de consumir responsabilmente.⁶⁴

Assim sendo, uma educação da jardinagem universal pautar-se-ia pelo cuidado como um modo-de-ser específico a uma nova forma de conceber as relações. Não se trata de algo novo, mas de uma retomada de práticas que estão espalhadas por entre comunidades que vivenciam essas práticas cuidadoras e que, por muito tempo, vêm sendo tachadas de “primitivas” enquanto as assim denominadas civilizações perpetraram a destruição da natureza e do ser humano pelo ser humano. O jardim é o lugar em que estão colocados os seres que vivem nesse modo-de-ser-cuidado.

3.2 Teologia da tutela universal

Sou eu tutor de meu irmão? (Gn.4.9)

A contrariedade da jardinagem universal é a tutela universal. A educação da tutela se baseia na não autonomia do indivíduo que é cerceado em sua liberdade. Porém, por tutela se quer enfatizar o domínio do próximo a limitá-lo em sua capacidade de autonomia. Trata-se de uma não aceitação da liberdade de ver e sentir do outro. É o caso expresso pela narrativa etiológica que relaciona a prática de Caim que ao não lidar com a forma autônoma de Abel, cai sobre ele com violência e tenta se desculpar a partir de uma percepção da desobrigação pela integridade física e psicológica do irmão morto (Gn 4.9). Esse conflito expresso na narrativa bíblica aponta para a necessidade de uma consciência crítica de entendimento a respeito dos pontos de vista a respeito das vistas de um ponto,

⁶⁴ BOFF, 2003, p. 137.

parafraseando Boff. Esse entendimento parte da forma e do jeito da corporeidade. A partir da maneira em que está o corpo é que a visão e os sentidos de uma maneira em geral podem perceber o mundo em suas idiossincrasidades. Assim é que era a espiritualidade de Jesus. Boff argumenta que Jesus:

Quis explicar quem era o próximo, quando se admirou da fé de um homem e quando quis explanar o que é a prontidão obediente não tomou exemplos dentre as pessoas piedosas ou dentre as de sua religião revelada, mas tomou pessoas fora destes quadros oficiais. Citou o herege samaritano, a mulher pagã siro-fenícia e o estrangeiro centurião romano.⁶⁵

A convivência é algo que só pode ocorrer quando se considera o próximo como interlocutor. Freire diz que quando alguém toma o outro como antagônico, aí já não é mais possível haver diálogo. Gadotti argumenta que:

Paulo Freire também insistia que o diálogo entre antagônicos não é possível. Entre eles há o conflito. No máximo pode existir um pacto. Como, então, falar de diálogo? É possível dialogar com um terrorista? Não, não há diálogo com o terrorismo porque o terrorismo é a própria negação do diálogo. Por isso é que o diálogo precisa estabelecer-se antes, atuar antes, sobre as causas e não a posteriori. Devemos prevenir o terrorismo, agindo sobre suas causas. O diálogo precisa ser estabelecido antes que atos de terrorismo aconteçam. Nas suas raízes; ele deve ser radical. O terrorismo precisa ser prevenido. Precisamos nos assegurar que ele não prevaleça sobre o diálogo.⁶⁶

Isso quer dizer que para haver diálogo é necessário que o interlocutor seja tomado em sua dignidade. A tutela universal não respeita a dignidade da pessoa humana, pois a toma por incapaz e a ridiculariza por meios de infantilização ou de silenciamento. A responsabilidade que cabe a cada pessoa em sociedade é tomada de maneira irônica quando requerida sua parcela de responsabilidade: “Sou eu tutor de meu irmão?” Ou seja, o que tenho – desde minha situação como co-responsável pelo grupo social – a ver com meu irmão se ele é um incapaz, um incapaz de ler um texto de forma autônoma, incapaz de compreender as artimanhas dos processos ideológicos que fecham a visão das pessoas para as formas de relação de produção dentro do sistema neoliberal, incapaz de chegar onde também cheguei.

⁶⁵ BOFF, 1972, p. 40.

⁶⁶ GADOTTI, Moacir. O Paradigma do Oprimido. PTO XI – The 11th Annual PEDAGOGY & THEATRE OF THE OPPRESSED International Conference – Los Angeles, from May 29 through 31, 2005 Center for Theatre of the Oppressed and Paulo Freire Institute. p. 8 Disponível em: <http://www.paulofreire.org/pub/Institu/SubInstitucional1203023491lt003Ps002/O_paradigma_oprimido_2005.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2011.

A tutelação é assim, depois de inibir a autonomia da pessoa por dispositivos difusos, isto é, por mecanismos em que a relação de poder é realizada a partir de uma diluição do impacto nas relações cotidianas, ela se torna cínica e pergunta de maneira a querer não ter responsabilidade nos efeitos sociais devastadores de uma educação que não ensina para a vida, mas ensina os constantes jeitos e maneiras de se manter as relações paternalistas e patrimonialistas que há tantos e tantos anos vêm se perpetuando nas estruturas brasileiras.⁶⁷

A educação da tutelação universal se baseia na dominação que na modernidade se transformou em dominação técnica. A educação que prescinde de uma pedagogia humanizante acaba por se tornar desumanizante. A liberdade requerida pela lógica de mercado, segundo a qual a educação se torna um produto, transforma tudo em mercadoria. Freire argumenta o seguinte:

Assim como não posso usar minha liberdade de fazer coisas, de indagar, de caminhar, de agir, de criticar para esmagar a liberdade dos outros de fazer e de ser, assim também não poderia ser livre para usar os avanços científicos e tecnológicos que levam milhares de pessoas à desesperança. Não se trata acrescentamos, de inibir a pesquisa e frear os avanços, mas pô-los a serviço dos seres humanos.⁶⁸

A educação é um bem social que é devido a todos e todas. A educação da jardinagem não está baseada no mercado. A educação é uma prática da liberdade como libertação. Essa era a forma Paulo Freire encarava a educação. Diz Gadotti que:

Paulo Freire atacava a ética do mercado sustentada pelo neoliberalismo, porque ela se baseia na lógica do controle e afirmava uma ética integral do ser humano. A educação não pode orientar-se pelo paradigma da empresa que dá ênfase apenas à eficiência. Este paradigma ignora o ser humano. Para este paradigma, o ser humano funciona apenas como puro agente econômico, um “fator humano”. O ato pedagógico é democrático por natureza, o ato empresarial orienta-se pela “lógica do controle”. O neoliberalismo consegue naturalizar a desigualdade. Por isso, Paulo Freire chama nossa atenção para a necessidade de observarmos o processo de construção da subjetividade democrática, mostrando, ao contrário, que a desigualdade não é natural. É preciso aguçar nossa capacidade de estranhamento. Precisamos ter cuidado com a anestesia da ideologia neoliberal: ela é fatalista, vive de um discurso fatalista. Mas não há

⁶⁷ COLIN, Denise Ratmann Arruda. *Sistema de Gestão e Financiamento da Assistência Social: transitando entre a filantropia e a política pública*. 2008. 318 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Departamento de Ciências Sociais, Curitiba, 2008. p. 56.

⁶⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p. 149.

nenhuma realidade senhora dela mesma. O neoliberalismo age como se a globalização fosse uma realidade definitiva e não uma categoria histórica.⁶⁹

Para Freire, Jesus é um exemplo de ação que mostra a libertação por meio do cotidiano e não simplesmente por meio de palavras e indicações, é, sobretudo, uma forma viva de demonstrar a amorosidade pelo próximo. E tal coisa somente é possível por meio do diálogo. O diálogo é mais do que uma opção política. A capacidade de diálogo é nos dias atuais, não somente, um imperativo histórico e de existência. Aqueles que se negam ao diálogo dão alternativa ao terrorismo, à globalização da crueldade, à guerra dos interesses umbiguais. As possibilidades que nos vêm da conjuntura atual indica a necessidade do reconhecimento do eu e do tu, invariavelmente; a legitimidade democrática na educação é imperativa, pois, de outra forma, a legitimidade da violência sempre volta à cena para dar sua palavra bancária, sua versão expositiva da capacidade patrimonialista das coisas do mundo.

E mais: precisamos alargar o nosso ponto de vista. É preciso ver a Terra de longe, em sua totalidade, sua planetaridade necessita ser visualizada, é uma comunidade única cheia de diferenças. A educação ainda tem sido pensada em termos de funções e desempenhos. O modelo característico da fragmentação neoliberal incentiva muito ao mercado. Estimula a competitividade alijada de solidariedade e as conquistas pessoais contra a vida num todo. É importante que o gênero humano a partir da educação da jardinagem universal consiga pensar na cultura da paz e da sustentabilidade, consiga pensar globalmente, e não paroquialmente, simplesmente, mas planetariamente, e em favor de toda a comunidade humana e do próprio ecossistema.

3.3 Teologia da Libertação em foco Pedagógico

A Teologia da Libertação (TdL) nasceu juntamente com a Pedagogia da Libertação.⁷⁰ A TdL em si não possui uma vertente pedagógica, como diz Boff, “ela é uma pedagogia que encontrou sua expressão/ação no pensamento de pedagogos como Paulo Freire, autor de *Educação como Prática da Liberdade* e *Pedagogia do*

⁶⁹ GADOTTI, 2011.

⁷⁰ WACHS, Manfredo Carlos. Teologia e pedagogia num pensar conjunto. *Estudos Leopoldenses - Educação*, São Leopoldo, v. 2, n. 3, p. 129-137, 1998.

Oprimido”.⁷¹ Não se trata de uma pedagogia que ensina como se faz, pelo contrário, busca formular conceitos desde as vivências, provoca o desejo pelo saber, instiga a transformação do conhecimento em situações criativas, e tudo com um objetivo muito bem definido, qual seja, a superação das relações assimétricas entre seres humanos e seus grupos. Não é exagero argumentar que se trata de uma pedagogia dialética, porém cristã, e solidamente posta sob análises postuladas em conceitos que interagem na tradição marxista e weberiana.⁷²

A noção de educação atual tem passado por muitas discussões, e noções importantes como a reserva de vagas, o ensino religioso, a formação para a cidadania, e a qualidade e condições de trabalho dos professores, entre outras questões, têm sido postas em pauta na discussão interligada com a noção de democracia e participação.

Boff argumenta que:

a Teologia da Libertação é, antes de mais nada, uma pedagogia, é como fazer que o oprimido se faça sujeito de sua própria libertação, e como ele, com seus grupos, pode elaborar um projeto alternativo, no qual se superem as relações desiguais entre as pessoas, os gêneros e na sociedade. Por isso a Teologia da Libertação tem entre seus fundadores Paulo Freire, autor da Pedagogia do Oprimido e da Educação como Prática de Liberdade. A prática da liberdade se chama libertação, vale dizer: a ação que liberta a liberdade cativa, para que ela faça a sua obra, que é estabelecer relações de cooperação e de amorização, relações essas que são a base da nova sociedade. A educação libertadora parte sempre da prática dos oprimidos, valoriza tudo o que pode deles, ajuda-os a identificar e a corrigir os erros e equívocos, especialmente fortalece sua autonomia e corrobora na formulação de um projeto pessoal e social de vida.⁷³

Boff diz que o papel da educação é de suma importância no fomento de homens e mulheres que queiram pensar o novo, que sejam capazes de imprimir em seu cotidiano as estruturas profundas, moldadas por hábitos não opressivos e inculcadoras de práticas em que não existam barreiras tão grandes ao amor social e à convivência fraternal. Se não houver a gestação de pessoas libertadas a partir do

⁷¹ FOLHA DIRIGIDA. A teologia da libertação como uma prática pedagógica. Entrevista com Leonardo Boff. 2002. Disponível em: <<http://www.folhadirigida.com.br/professor/Cad03/EntLeonardoBoff.html>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

⁷² MUELLER, Enio R. *Teologia da libertação e marxismo: uma relação em busca de explicação*. São Leopoldo: IEPG da Escola Superior de Teologia, Sinodal, 1996.

⁷³ FOLHA DIRIGIDA. A teologia da libertação como uma prática pedagógica. Entrevista com Leonardo Boff. 2002. Disponível em: <<http://www.folhadirigida.com.br/professor/Cad03/EntLeonardoBoff.html>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

cotidiano, a libertação integral ficará sempre restrita ao âmbito de poucas almas heroicas. “A educação libertadora quer criar operadores de crítica e de transformação da realidade e não agentes reprodutores do sistema imperante. Não visa a criar consumidores dos bens culturais dados, mas cidadãos livres e criativos, plasmadores de seu próprio destino”.⁷⁴

A educação para a cidadania é aquela que permite aos estudantes sejam confrontados com a situação concreta das ruas e à sua volta, em seu bairro, lar, escola, igreja, trabalho, etc. A realidade complexa e, em grande parte dos casos, contraditória conduz ao pensamento crítico. Tal situação deveria conduzir os estudantes a interagirem com essas muitas situações, aprendendo a identificar suas causas sociais, e a identificar os valores vivenciados pelo grupo imediato e, assim, no diálogo, buscar alternativas que sejam viáveis. Essa forma de educação que está ligada à escola à comunidade imediata aponta para uma escola de democracia participativa, fundamental para a manutenção de uma educação da jardinagem universal. Ela acrisola cidadãos e cidadãs adequadas aos mais difíceis e desafiantes relacionamentos sociais.

Essas relações podem se dar em sociedade a partir daquilo que tem sido chamado autopoiese. Trata-se de entender a vida e o cosmos como uma rede interligada por muitos micro-sistemas os quais se conectam em forma de autogeração dinâmica. Capra argumenta que:

Todos os sistemas vivos são redes de componentes menores, e a teia da vida como um todo é uma estrutura em muitas camadas de sistemas vivos aninhados dentro de outros sistemas vivos — redes dentro de redes. Organismos são agregados de células autônomas porém estreitamente acopladas; populações são redes de organismos autônomos pertencentes a uma única espécie; e ecossistemas são teias de organismos, tanto de uma só célula como multicelulares, pertencentes a muitas espécies diferentes.⁷⁵

A autopoiese pauta a valorização daquilo que é concreto, absolutamente singular e irrepitível, contrariamente àquelas generalizações abstratas, as quais impetram pretensões de validade universal. Os sistemas cerrados e totalizantes,

⁷⁴ FOLHA DIRIGIDA. A teologia da libertação como uma prática pedagógica. Entrevista com Leonardo Boff. 2002. Disponível em: <<http://www.folhadirigida.com.br/professor/Cad03/EntLeonardoBoff.html>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

⁷⁵ CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996. p. 196.

aqueles que pretendem enquadrar o mundo em uma caixa cheia de compartimentos e se nega a dialogar com ele, corroboram poucas frestas de diálogo, uma vez que é na autocriação constante que a formação das pessoas e da própria compreensão do mundo vai se dando à pessoa. É o que Martin Buber afirmou sobre suas ideias: “Não tenho doutrina: conduzo um diálogo”.⁷⁶ Buber tem a ideia muito forte de um inacabamento humano. O *eu* e o *tu* estão sempre em diálogo, por isso, sistemas educacionais fechados que não considerem tal situação que se baseia sempre na concretude da situação, acabam por impor sobre as pessoas uma forma de educação que se pretende universal, ou seja, não contextual e não histórica. Sua margem de inacabamento é fundamental a uma educação da jardinagem universal, pois o que deve ser universal é o respeito pela contextualidade de cada pessoa.

Para Buber, a percepção dialogal está na base de sua antropologia filosófica e se configura como algo determinante, porém, seguindo certa linhagem filosófica que alcança as considerações de Feuerbach sobre a situação religiosa humana. Tanto Buber quanto Feuerbach dão importância significativa ao caráter primevo da intersubjetividade que constitui o ser humano. Na obra *Eu e tu* de 1923, sua obra mais conhecida, Buber argumenta a partir daquilo que ele denomina de “palavras-princípio”, isto é, “Eu-Tu” e “Eu-Isso”, as quais indicam dois tipos de eventos fundamentais para os seres humanos. No primeiro: “Eu-Tu”, tem-se a relação entre sujeito e sujeito; no segundo: “Eu-Isso”, tem-se a associação entre um sujeito e um objeto. A partir daí se tem instaurada a experiência. Ou seja, no evento interrelacional se instaura a relação entre as subjetividades. Trata-se de algo tão importante para a própria constituição dos seres humanos que ele afirma o seguinte: “no princípio é relação”.⁷⁷ Por isso, Buber considera a relação humana pautada na relacionalidade. Poderíamos dizer que a humanização está pautada na relacionalidade. O autor explica que essa associação entre um “eu” e um “isso” e um “eu” e um “tu” é algo baseado na reciprocidade, quer dizer, o sentido de que o “eu” do evento “Eu-Isso”, isto é, o “eu” da *experiência* é diferente do “eu” da associação “Eu-Tu”, o “eu” da *relação*.

Para Buber, os seres humanos e as coisas não são “eu”, “tu” ou mesmo “isso” por si mesmos e em todos os momentos, mas acontece somente quando participam de um determinado acontecimento. Assim, é possível que se instaure o

⁷⁶ BUBER, Martin. *Eu e tu*. São Paulo: Centauro, 2001. p. 20.

⁷⁷ BUBER, 2001, p. 23.

acontecimento do tipo “Eu-Iso” entre duas pessoas, bem como pode ocorrer o acontecimento do tipo “Eu-Tu”, ou entre pessoas e animais ou ainda entre pessoas e coisas. Trata-se de um giro na percepção e na atitude, pois quando o “eu” abre-se a um tipo específico de contemplação no qual o outro (pessoa, animal, coisa ou mesmo uma experiência transcendental) não aparece reduzido a mero objeto de análise ou instrumentalização, mas como pleno sujeito, como voz a ser escutada, então se tem uma relacionalidade criadora.⁷⁸

Nestes marcos de uma realização autopoietica relacional é que podemos concatenar uma educação da jardinagem universal que seja crítica e que demonstre as possibilidades de uma relacionalidade intersubjetiva. A TdL possui em sua tradição teórica as contribuições mais interdisciplinares possíveis. Muito desta interdisciplinaridade pode ser acessada na construção de vieses que permitam o diálogo ecumênico e a transversalidade nas considerações dialogais com outras formas de entendimento do mundo.

A TdL em foco pedagógico poderia ser pautada a partir daquilo que lhe é mais caro, ou seja, a libertação do ser humano e da própria natureza, pois é a partir de uma noção do que é a vida em transcendência que partem as elaborações da *inteligência da fé*. É a partir das parábolas de Jesus que se busca ensinar os valores do Reino de Deus, um reino que está aberto a todas as pessoas que confessam a messianidade de Jesus de maneira verdadeira, isto é, não de um conceito, mas de uma maneira bem prática, por meio de atitudes (Mt 25). Não se trata de uma teologia das obras simplesmente, antes, porém, de um estado de espírito e de uma forma de sensibilidade para com os excluídos.

Jesus ressuscitado está presente e atuante de modo especial naqueles que no vasto âmbito da história e da vida levam sua causa adiante. Independente da coloração ideológica e da adesão a alguma religião ou credo cristão, sempre que o homem busca o bem, a justiça, o amor humanitário, a solidariedade, a comunhão e o entendimento entre os homens, todas as vezes que se empenha em superar seu próprio egoísmo, em fazer esse mundo mais humano e fraterno e se abre para um Transcendente normativo para sua vida, aí podemos dizer, com toda a certeza, está o Ressuscitado presente porque sua causa está sendo levada adiante, pela qual ele viveu, sofreu, foi processado e também executado. “Quem não está contra nós, está conosco” (Mc 9.40; Lc 9.50).⁷⁹

⁷⁸ BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 39.

⁷⁹ BOFF, 1972, p. 237.

É a partir dessa relacionalidade que uma educação para a cidadania que começa na comunidade poderia ajudar a sociedade como um todo. Ações variadas no seio da comunidade eclesial podem ser organizadas visando a melhoria das relações intersubjetivas e que valorizem a comunicação entre os seres humanos, naquilo que ela tem de positivo, e entre estes com a natureza e com o cosmos. Ações estas que sejam sistêmicas e que abranjam estudos bíblicos, grupos de orações, juventude, trabalhos com idosos, liturgia, reuniões de conscientização, entre outras ações.

CONCLUSÃO

Pudemos ver que o pensamento de Boff possui nuances variadas e dinâmicas, sempre em relação com a prática libertadora. Sua vida é perpassada pela noção franciscana do respeito pela vida e pelo diálogo com a natureza. Sua vida sacerdotal é marcada pelo diálogo com aqueles que fazem parte da base eclesial, ou seja, com os membros leigos da Igreja Católica Romana. Boff entende que o verdadeiro sentimento católico é aquele que vê na perspectiva contextual a ação do Cristo, independente da concepção religiosa ou teológica. A imposição de uma visão doutrinária que retire da vivência concreta das comunidades, as quais experimentam sob o viés de perspectivas religiosas populares formas de libertação e de solidariedade fraternal, constitui-se como uma não catolicidade, mas uma romanidade seja de qual tendência for. A romanidade aqui é entendida como a imposição desde cima sobre aqueles que estão embaixo.

Uma visão de solidariedade planetária que se forje nas questões cotidianas e, fundamentalmente, nas problemáticas ecológicas é uma visão holística. É, por assim dizer, realmente planetária e global. No entanto, não fundamentada nos princípios de mercado e da livre concorrência, mas na solidariedade que vê nas relações entre pessoas uma forma de existência mesma; é uma forma de relacionalidade que forma a conjuntura humana. Conforme Buber, é a relação entre um *Eu* e um *Tu*, que na interrelacionalidade permite a instauração de uma relação entre subjetividades. Essa interrelacionalidade também pode acontecer entre um *Eu* e um *Isso*, entre uma subjetividade humana e uma outra vida que não necessariamente humana, dando assim a chance para uma noção de comunidade que encare o todo, o jardim, como uma morada de muitas pessoas e coisas, todos unidos e forjados na relacionalidade.

É essa perspectiva boffiana próxima de Buber que subjaz em suas propostas ecológicas de respeito à vida e aos seres humanos. É algo sempre relacional, nunca uma coisa dada desde cima. Por isso, a educação pautada na jardinagem universal é algo que pode contribuir para percepção do cuidado que é inerente ao ser humano, isto é, uma ontologia do cuidado explode para âmbitos mais abrangentes, explode para o âmbito ecológico, ao mesmo tempo em que implode o antropocentrismo dominador que emergiu na modernidade como paradigma desenvolvimentista. Paradigma esse que perpetuou a destruição da natureza em

nome do progresso, levando de roldão o próprio ser humano para dentro de um circuito devastador e de submissão de uma grande parcela humana a um pequeno número de pessoas. É dentro desse paradigma que o desenvolvimento foi compreendido e levado a cabo com os processos de industrialização. A mesma tecnologia de maquinaria conduziu grandes processos de engenharia social no intuito de restringir as populações humanas ao redor das fábricas. Foram os processos de liberação de mão de obra para as fábricas.⁸⁰

Nestes marcos de uma relacionalidade que vê possibilidades dentro do jardim, a autopoiese é um elemento importante na percepção das capacidades humanas desde um ponto de vista solidário. Esse é o sentido da autopoiese, isto é, “autocriação e auto-organização dos seres vivos”,⁸¹ uma realização autopoietica relacional concatenada a uma educação da jardinagem universal que seja crítica e que demonstre as possibilidades de uma relacionalidade intersubjetiva. Não há somente relacionalidade entre um *Eu* e um *Tu*, há relacionalidade entre um *Eu* e *Isso*, pois o *Eu* somente se constitui como ser de relação no diálogo com um *Tu*, com um *Isso*, quer dizer: o *Tu* possui uma anterioridade para cada *Eu*, possui um rosto que torna possível a diferença ou a indiferença. “O rosto do outro me obriga a tomar posição porque fala, pro-voca, e-voca e con-voca. Especialmente o rosto do empobrecido, marginalizado e excluído”.⁸²

Desta forma, autopoiese é cuidado, e cuidado é sempre cuidado de outro, é zelo pelo outro numa dialogação, numa ação diálogo *Eu-Tu*, *Eu-Isso*, numa sinergia construtora de aliança perene de paz e de amorosidade. O outro pode se dar sob a forma de homem, de mulher, ou da natureza com toda sua riqueza. A linguagem se torna aqui uma maneira importante de plasmar essa interrelacionalidade. É pela linguagem que os seres humanos podem exprimir sentimentos, intenções, sensações do mundo externo, entre outras coisas. No entanto, a linguagem é mais do que a fala, é também sinais que demonstram, que definem, que mostram as possibilidades de interação das subjetividades com o mundo exterior.

A linguagem possibilita a forma dos conceitos e as limitações do relacionamento. A linguagem é também limitada em sua abrangência, pois ela tem efeito vocabular e auricular, necessitando do gesto e do toque para ser

⁸⁰ MARX, Karl. *A origem do capital: a acumulação primitiva*. 6. ed. São Paulo: Global, 1989.

⁸¹ BOFF, 2003, p. 193.

⁸² BOFF, 2003, p. 139.

complementada. Ela remete à imaginação e à fantasia, porém, necessita invariavelmente das articulações e gesticulações como complementaridade de sentido.

No sentido de uma educação ostentada sob a jardinagem universal, a negação do cuidado tem sua negação no descuido. Boff argumenta que o descuido é a negatividade do cuidado. O descuido pode ocorrer por meio de patologias tais como o excesso de cuidado, isto é, a obsessão, à lógica do modo-ser-trabalho, algo entregue à vontade de poder sem freios ou mesmo à vontade de submeter-se prescindindo da autonomia, é o “excesso de verdade”, diz Boff, com base em Pascal, que submete o outro aos ditames do arbítrio do *Eu*.⁸³

Boff elenca um número de figuras de cuidado, exemplos a uma educação da jardinagem universal, como: os antepassados, os avós, bisavós, o próprio Jesus de Nazaré, que ao lado de Buda, revelou o modo-de-ser-cuidado à humanidade; Francisco de Assis com sua fraternura do irmão universal, segundo o qual todos os seres vivos são irmãos e irmãs; Madre Teresa de Calcutá e seu princípio de misericórdia, o qual remete à ternura vital do toque como algo terapêutico (uma vez que o toque na Índia foi sempre tema de tabu); Irmão Antônio, um marinho que se associou à Pastoral do Homem de Rua, em Petrópolis, no Rio de Janeiro; Mahatma Ghandi, quem definiu a política como um ato de amor ao seu próprio povo, entre muitos outros.

A jardinagem universal tem nestas figuras exemplos de cuidado com o jardim como um *habitat* em que moram muitas formas de vida. A jardinagem concorre por uma educação planetária que respeita as diferenças e as formas contextuais de perceber o mundo a partir de uma específica forma de estar em pé no mundo. Esta forma específica de estar em pé possibilita uma forma também específica de ver o mundo, é o ponto de vista de cada um a respeito da vista de um ponto que cada um pode desfrutar sem medo de que o ponto de vista do outro o impeça também de ver a coisa do seu jeito.

⁸³ BOFF, 2003, p. 161.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. *A Teologia de Leonardo Boff e o diálogo inter-religioso: limites e aberturas*. Disponível em: <<http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/docdigital/simposioteologia/pdf/Paulo%20Agostinho%20Nogueira%20Baptista.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2011.
- BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. *A graça libertadora no mundo*. Petrópolis: Vozes; Lisboa: Multinova, 1976.
- _____. A não-modernidade de São Francisco de Assis. A atualidade do modo de ser de São Francisco de Assis face ao problema ecológico. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 69, p. 335-348, 1975.
- _____. *Casamento entre o céu e a terra*. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.
- _____. *Igreja, Carisma e Poder: ensaios de eclesiologia militante*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- _____. *Jesus Cristo Libertador*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- _____. Jesus de Nazaré e Francisco de Assis: articulações diferentes de um mesmo mistério. In: NEOTTI, Clarêncio (Org.). *Nosso irmão Francisco de Assis*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- _____. *Nova evangelização: perspectiva dos oprimidos*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- _____. *O destino do homem e do mundo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- _____. *O preço de não escutar a natureza*. Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/site/lboff.htm>>. Acesso em: 29 out. 2011.
- _____. Religiosidade popular e política. *Convergência*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 128, p. 618-20, dez., 1979.
- _____. *Saber cuidar: ética do humano: compaixão pela terra*. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- _____. Tentativas de Solução Ecumênica para o Problema da Inspiração e da Inerrância. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 30, n. 119, p. 648-67, set., 1970.
- BOFF, Leonardo; BETO, Frei. *Mística e Espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BOFF, Leonardo; PORTO, Nelson. *São Francisco de Assis: homem do paraíso*. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRAKEMEIER, Gottfried. *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002.

BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *Eu e tu*. São Paulo: Centauro, 2001.

CAMPOS, Mônica Baptista. *As Cebs e o Inclusivismo Católico na América Latina*. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st3/Campos,%20Monica%20Baptista.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COLIN, Denise Ratmann Arruda. *Sistema de Gestão e Financiamento da Assistência Social: transitando entre a filantropia e a política pública*. 2008. 318 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Departamento de Ciências Sociais, Curitiba, 2008.

DIAS, Edna Cardoso. *A tutela jurídica dos animais*. Belo Horizonte: Mandamentos, 2000.

DUTILLEUX, Christian. *Leonardo Boff: memórias de um teólogo de la liberación*. Madrid: Constanza Aguilera Carmona, 1997.

Entrevista de Leonardo Boff concedida a Paula Gobbi, jornalista do Los Angeles Times, em 21 de abril de 2005. Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/site/vista/outros05/abr21-losangelestimes.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2011.

FOLHA DIRIGIDA. *A teologia da libertação como uma prática pedagógica*. Entrevista com Leonardo Boff. 2002. Disponível em: <<http://www.folhadirigida.com.br/professor/Cad03/EntLeonardoBoff.html>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GADOTTI, Moacir. *O Paradigma do Oprimido*. PTO XI – The 11th Annual PEDAGOGY & THEATRE OF THE OPPRESSED International Conference – Los Angeles, from May 29 though 31, 2005 Center for Theatre of the Oppressed and Paulo Freire Institute. p. 8 Disponível em: <http://www.paulofreire.org/pub/Institu/SubInstitucional1203023491lt003Ps002/O_paradigma_oprimido_2005.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2011.

GRÜN, Mauro. *Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária*. Campinas: Papyrus, 1996.

JESUS, Rodrigo Marcos de. *Leonardo Boff: antropologia, ontologia, cosmologia ética e mística*. Ibérica: revista interdisciplinar de estudos ibéricos e ibero-americanos. Disponível em: <<http://www.estudosibericos.com/arquivos/iberica7/boffjesus.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2011.

JUNGES, José Roque. Ética ecológica: antropocentrismo ou biocentrismo. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 33, n. 89, p.33-66, 2001.

LOVELOCK, James. *A vingança de Gaia*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

LUTZENBERGER, José A. *Fim do futuro?: manifesto ecológico brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: Movimento, 1986.

MARX, Karl. *A origem do capital: a acumulação primitiva*. 6. ed. São Paulo: Global, 1989.

MATOS, Ismar Dias de. *Memória dos 40 anos da Teologia da Libertação*. Disponível em: <www.diocesedeguanhaes.com.br>. Acesso em: 23 ago. 2011.

MUELLER, Enio R. *Teologia da libertação e marxismo: uma relação em busca de explicação*. São Leopoldo: IEPG da Escola Superior de Teologia, Sinodal, 1996.

NEOTTI, Clarêncio (Org.). *Irmão Francisco de Assis*. Petrópolis: Vozes, 1975.

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. *A Nova Aliança: metamorfose da ciência*. Brasília: UnB, 1997.

REVISTA MUNDO E MISSÃO. Igreja. Disponível em: <<http://www.pime.org.br/mundoemissao/igrejacebs.htm>>. Acesso em: 24 ago. 2011.

REYES, Pedro Allonso Puentes. *O corpo como parâmetro antropológico na bioética*. Tese. 190 f. (Doutorado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2005.

SANTANGELO, Enzo. *Albert Schweitzer: um médico entre os leprosos*. São Paulo: Loyola, 1983.

SCHAPER, Valério Guilherme. *A experiência de Deus como transparência do mundo: o “pensar sacramental” em Leonardo Boff: história e cosmologia*. Tese. 468 f. (Doutorado) – Instituto de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1998.

SIMÕES, Pedro. *Gênero, Origem Social e Religião: os estudantes de Serviço Social do Rio de Janeiro*: E-Papers, 2009.

TEIXEIRA, Faustino. Salvação, entre e além das religiões. *Revista de Teologia e Ciências da Religião*, Ano VII, n. 7, dez., 2008.

WACHS, Manfredo Carlos. Teologia e pedagogia num pensar conjunto. *Estudos Leopoldenses*, Educação, São Leopoldo, v. 2, n. 3, p. 129-137, 1998.